

EDIÇÃO BRASILEIRA AUTORIZADA

W A L L A C E M c L E O D

The Old Charges

A S A N T I G A S C O N S T I T U I Ç Õ E S M A N U S C R I T A S
D A M A Ç O N A R I A

The Prestonian Lecture for 1986

Edição brasileira, tradução, notas e estudo introdutório de
AISLAN FABRÍCIO NUNES DA SILVA PANSARDIS

Edição digital gratuita, educacional e de pesquisa

Brasil · 2026

CRÉDITOS E AUTORIZAÇÃO

© 1986 Wallace McLeod. Direitos da obra original pertencentes ao espólio do autor.

Tradução para o português brasileiro e publicação no Brasil realizadas com autorização da QC Correspondence Circle Limited, concedida em agosto de 2026 em resposta a solicitação de Aislan Fabrício Nunes da Silva Pansardis.

A autorização refere-se à tradução integral para o português brasileiro e à publicação digital gratuita, para fins educacionais e de pesquisa, sem exploração comercial.

Notas e estudo introdutório © 2026 Aislan Pansardis.

Agradecimentos especiais ao Bro. Rob Hammond, editor da Quatuor Coronati, por essa liberação.

REFERÊNCIA DA EDIÇÃO ORIGINAL

McLEOD, Wallace. “The Old Charges” [The Prestonian Lecture for 1986]. *Ars Quatuor Coronatorum: Transactions of Quatuor Coronati Lodge No. 2076*, Londres, vol. 99, 1986, pp. 120–142; discussão em loja, pp. 143–150.

Reimpresso em *The Collected Prestonian Lectures 1975–1987, Volume Three*, Londres: Lewis Masonic, 1988, pp. 260–290 (tabelas de classificação, pp. 286–290); e em *Heredom: The Transactions of the Scottish Rite Research Society*, vol. 14, 2006, a partir da p. 105.

Esta edição foi estabelecida a partir de dois testemunhos independentes — a publicação original na *Ars Quatuor Coronatorum* e sua reimpressão em *The Collected Prestonian Lectures 1975–1987, Volume Three* —, cotejados entre si; ver “Critérios desta tradução” ao final do documento.

NOTA INTRODUTÓRIA DO TRADUTOR

Talvez você já seja um grande entusiasta dos estudos sobre as *Old Charges* e esteja comemorando o fato de este magnífico trabalho agora estar disponível em português. Ou talvez este texto tenha chegado às suas mãos sem muita explicação ou introdução prévia, e você esteja se perguntando: “Por que devo ler até o fim?” Passo, então, a explicar do que se trata e o que você encontrará nesta obra.

Wallace Edmond McLeod (1931–2020) foi professor de Língua e Literatura Gregas no Victoria College, Universidade de Toronto, e uma das figuras centrais da pesquisa maçônica anglófona da segunda metade do século XX. Sua formação filológica explica a característica mais marcante deste estudo: McLeod não trata os Antigos Deveres apenas como curiosidades veneráveis, mas como uma tradição manuscrita que pode ser examinada pelas ferramentas da crítica textual.

A Prestonian Lecture é uma conferência maçônica anual e a única palestra oficial realizada sob a autoridade da United Grand Lodge of England (UGLE/GLUI) criada a partir do legado de William Preston. O conferencista é escolhido por sua contribuição ao estudo da Maçonaria, em grande parte por membros da Quatuor Coronati Lodge nº 2076, que é a maior e mais antiga loja de pesquisas do mundo, e os textos dessas apresentações tornam-se publicações anuais da própria QC.

A conferência de McLeod foi proferida em 26 de junho de 1986 e publicada no mesmo ano no volume 99 de *Ars Quatuor Coronatorum* (AQC), as transações da Quatuor Coronati Lodge.

Fundada em Londres em 1884 e constituída em 1886, a Quatuor Coronati é geralmente reconhecida como a primeira loja de pesquisa maçônica organizada segundo um programa histórico-documental. Seu periódico AQC tornou-se um dos principais repositórios da historiografia maçônica. McLeod, que foi Venerável Mestre da Loja, entra nessa tradição, mas a leva a um grau incomum de rigor histórico e filológico.

Chamam-se **Old Charges**, *Manuscript Constitutions* ou *Gothic Constitutions* os manuscritos e impressos que combinam, em formas variadas, uma invocação religiosa, uma história lendária da geometria e da Maçonaria, preceitos morais e profissionais, instruções para a admissão e uma obrigação final. Em português, são chamados de “Antigos Deveres” ou “Antigos Encargos”.

Qual é a importância desse trabalho?

A importância monumental do ensaio de Wallace McLeod reside em três pilares fundamentais: ele oferece uma descrição de conjunto do imenso *corpus* de manuscritos conhecidos; explica com extrema clareza didática como os erros, modernizações e intervenções dos copistas medievais permitem estabelecer as chamadas “famílias textuais”; e, de forma inédita e audaciosa, propõe a reconstrução do ancestral comum perdido da maior parte desses testemunhos, a versão que chamou de *Standard Original*.

Antes de McLeod, os manuscritos eram muitas vezes encarados como peças isoladas ou relíquias estáticas de uma época distante. A grande virada de chave promovida pelo autor foi aplicar a esta tradição a **crítica textual filológica**, o mesmo rigor científico utilizado pelos classicistas para restaurar as obras originais de filósofos e poetas da Antiguidade. McLeod nos ensina que, diante de mais de uma centena de cópias que dizem essencialmente a mesma coisa, mas divergem em pequenos trechos, a solução não é simplesmente escolher a "melhor" versão ou votar na maioria das leituras, mas sim mapear as relações de parentesco de cada documento para deduzir o que estava escrito no documento primitivo, o arquétipo perdido.

Uma Viagem pelos Deslizes dos Copistas

Neste trabalho, não encontramos um estudo árido ou puramente acadêmico. Pelo contrário, McLeod nos conduz pelos bastidores humanos da preservação desses documentos com um senso de humor fino e cativante. Ele nos lembra de que, na era anterior à imprensa, cada manuscrito era copiado manualmente por escribas sob circunstâncias adversas. Como bem ilustra o autor, de maneira cômica, o texto que chegou até nós frequentemente passou pelas mãos de "um monge cujo conhecimento de latim oscilava entre o insuficiente e o inexistente, copiando sob má luz a partir de um manuscrito em caligrafia desconhecida, sentindo-se miseravelmente enregelado e com fome ansiando pelo jantar".

Essas condições precárias produziram desvios linguísticos reveladores, que servem como verdadeiras pegadas históricas para decifrar a genealogia dos textos, e McLeod traz exemplos brilhantes desse "telefone sem fio" medieval, como o exemplo da **"Terra Quente" que virou "Terra Santa"**: Ao descrever o Egito antigo, o texto original afirmava que aquela era uma *terra quente e abundante em geração*. Contudo, um copista confundiu as palavras e transformou o trecho no divertido disparate de que o Egito era uma *"terra santa e geração abastecida"*, erro que acabou por definir todos os vinte e um manuscritos da chamada Família Sloane.

Outro caso fascinante é o de um copista que, enquanto escrevia sobre as obrigações dadas pelo rei Ninrode no capítulo sete, provavelmente foi interrompido durante o processo. Ao retornar ao trabalho, seus olhos pousaram erroneamente sobre a frase idêntica *"deu-lhes uma obrigação desta maneira"*, que pertencia às instruções dadas por Euclides no capítulo dez. Ele retomou a cópia a partir dali, suprimindo, em um piscar de olhos, **dois capítulos e meio inteiros de história**, uma falha que hoje identifica todo o ramo Lansdowne. Esses são apenas dois entre vários outros exemplos que fizeram se "perder" um pedaço da história, ou mesmo confundir o desenvolvimento maçônico a partir daí.

Ao desvendar essas imperfeições, McLeod realiza algo magnífico: ele limpa a poeira dos séculos e reconstrói provisoriamente o *Standard Original*, uma versão que se situa aproximadamente entre os anos de 1470 e 1560. Convém Esclarecer que essa versão não é um manuscrito nem a transcrição de uma peça existente, tampouco o "texto original" das *Old Charges*: trata-se de uma **reconstrução conjectural** que o próprio autor a qualifica de *"tentative"*. Porém, seu impacto é significativo: pela primeira vez na literatura maçônica moderna, **podemos ler de uma só vez aquilo que, provavelmente, um pedreiro inglês do século XVI ouvia no**

momento solene de sua admissão na maçonaria, esse é, com certeza **o ápice do trabalho** de McLeod.

Este estudo atua como um poderoso agente de desmistificação histórica. Com rigor científico e muito bom humor, McLeod desconstrói lendas infundadas, resume o significado e a cadeia genealógica de mais de uma centena de documentos antigos e complicados, e ainda nos dá uma versão completa, conjectural, sim, mas muito bem fundamentada daquilo que provavelmente nossos antepassados recebiam de instrução ao ingressar na arte real.

Espero que este estudo intrigante desperte em você o mesmo entusiasmo que despertou em mim quando o li pela primeira vez. Foi esse entusiasmo que me inspirou a traduzir o trabalho integralmente e a oferecer a primeira versão autorizada em português desta brilhante obra, permitindo que os maçons brasileiros tenham acesso a essa peça fundamental sem a barreira linguística.

Boa viagem e aproveite a vista.

Aislan Fabrício Pansardis

THE OLD CHARGES

A Conferência Prestoniana de 1986

*Nas citações de textos antigos, a grafia e a pontuação foram em geral moderadas.*¹

As Obrigações de um Franco-Maçom

As *Old Charges* inflamaram a imaginação dos maçons por séculos, e centenas de páginas já foram escritas a seu respeito. Poderíamos, portanto, imaginar que o assunto já estivesse esgotado. Ainda assim, os irmãos mais jovens talvez precisem que se lhes recordem estas relíquias notáveis, que um estudioso, meio século atrás, costumava chamar os “Títulos de Propriedade” do Ofício.² E — quem sabe? — talvez, afinal, sejamos capazes de dizer algo novo sobre elas. Se acontecer que eu enxergue um pouco mais longe que meus predecessores, é em larga medida porque me ergo sobre os ombros deles. Há, em particular, três gigantes de uma era anterior a quem sou devedor: William James Hughan (1841-1911), Wilhelm Begemann (1843-1914) e Herbert Poole (1885-1951). Todos morreram antes de eu me tornar maçom, e os conheço apenas por seus escritos. E devo também, é claro, exprimir minha gratidão aos que me ajudaram pessoalmente — em particular ao falecido Irmão Harry Carr; ao Irmão J. M. Hamill, Bibliotecário e Curador do Freemasons’ Hall; e ao antecessor deste, o Irmão T. O. Haunch.

Se abrires vosso *Book of Constitutions of the Antient Fraternity of Free and Accepted Masons under the United Grand Lodge of England* logo no começo, imediatamente após o “Sumário das Antigas Obrigações e Regulamentos”, encontrareis dez páginas intituladas “The Charges of a Free-Mason”.³ Praticamente as mesmas páginas figuram no *Book of Constitutions* da Grande Loja sob a qual fui iniciado.

Trinta e quatro anos atrás, quando me tornei maçom, li essas páginas de ponta a ponta. Como vinham logo no princípio, parecia natural supor que fossem importantes. Algumas partes soavam um pouco como o ritual. “As pessoas feitas maçons ou admitidas como membros de uma loja devem ser homens bons e verdadeiros, nascidos livres, de idade madura e discreta e de são discernimento, não servos, não mulheres, não homens imorais ou escandalosos, mas de boa reputação” (III).⁴ “Um homem [...] não é excluído da ordem, contanto que creia no glorioso arquiteto do céu e da terra” (I).

¹[Nota do tradutor] Advertência do próprio McLeod, impressa como epígrafe. “Moderadas” traduz *moderated*: a grafia foi aproximada da moderna, sem normalização integral. A ressalva vale para todas as citações de manuscritos ao longo da conferência.

²[Nota do tradutor] *Title Deeds*: os documentos que provam a titularidade de um bem imóvel. A metáfora — os manuscritos como escritura de propriedade do Ofício — é atribuída por McLeod a “um estudioso, meio século atrás”, sem nomeá-lo; pela cronologia e pelo assunto, provavelmente Herbert Poole, cujo *The Old Charges* é de 1924.

³[Nota do tradutor] “As Obrigações de um Franco-Maçom”. Conservo o título em inglês em todas as ocorrências porque se trata de uma seção específica e datável — o texto impresso por Anderson em 1723 —, que não deve ser confundida com as *Old Charges* manuscritas. A distinção entre as duas coisas é justamente o ponto de partida da conferência.

⁴[Nota do tradutor] Os algarismos romanos que McLeod usa aqui remetem às seis rubricas das *Charges* de 1723 — I. De Deus e da Religião; II. Do Magistrado Civil; III. Das Lojas; IV. De Mestres, Vigilantes, Companheiros e Aprendizizes; V. Da administração do Ofício no trabalho; VI. Da Conduta. Na transcrição de que disponho eles chegaram corrompidos (“in”, “1”), e restitui-os pelo conteúdo de cada citação, conferindo com o testemunho da AQC onde este cobre o trecho. Do mesmo modo restitui, ao longo desta conferência, outras corrupções ópticas evidentes: *Housman* e *Mandii Astronomicon* por Housman e *Manilii Astronomicon*; *Tischendorf* por Tischendorf; *Lawrence Olivier* por Laurence Olivier; *Naymus Greens* por Naymus Grecus; *E.D.22* por E.d.22 (Holywell MS); *capitulo* por *capítulo*; *epi ten pegeri* por *epi ten pegen* (Eclesiastes 12,6, no grego); *confined* por *combined* (na passagem sobre as “Ordenações”). Caso à parte é *The final phase*, “a frase final”:

Outras partes pareciam perfeitamente verdadeiras, e belamente expressas naquele tipo de inglês que esquecemos como se escreve. “A maçonaria é o centro de união entre homens bons e verdadeiros, e o feliz meio de conciliar a amizade entre aqueles que, de outro modo, teriam permanecido a perpétua distância” (I). Isso tudo se podia relacionar com o Ofício tal como eu o entendia, e emprestava crédito ao restante.

Lembro-me de ter ficado contrariado quando me instaram a ficar para o banquete, porque sentia que devia ir para casa cuidar de meus estudos. Não conheciam meus irmãos sua jurisprudência maçônica? Lá estava, preto no branco: “Podeis alegrar-vos com inocente jovialidade, tratando-vos uns aos outros conforme as posses, mas evitai todo excesso, ou forçar qualquer irmão a comer ou beber além de sua inclinação, ou impedi-lo de partir quando suas ocupações o chamarem [...]” (VI.2). Minhas ocupações estavam a chamar-me, e eles estavam a impedir-me de partir.

Mas que fazer das outras porções? “Nenhum mestre deve tomar um aprendiz a menos que tenha trabalho suficiente para ele” (IV). “O mestre, sabendo-se hábil e perito, empreenderá a obra do senhor tão razoavelmente quanto possível, e despenderá com verdade os bens dele como se fossem seus; nem dará mais salário a qualquer irmão ou aprendiz do que este realmente possa merecer.” “Todas as ferramentas usadas no trabalho serão aprovadas pela grande loja” (V).⁵

Tais regras não podem aplicar-se, em nenhum sentido literal, à maioria de nós. Por que, então, são impressas para todo maçom? A razão é histórica. Em sua forma presente, mais de 99% da redação remonta a duzentos e cinquenta anos atrás. Não é esta a ocasião de repassar a história de como a primeira Grande Loja da Inglaterra foi instituída em 24 de junho de 1717; nem de contar por inteiro a história do erudito mas indisciplinado clérigo presbiteriano, o Reverendo James Anderson, ex-Grande Vigilante. Notemos apenas que, em 1723, Anderson, com a aprovação da Grande Loja, publicou a obra mais influente sobre maçonaria jamais impressa, o primeiro livro das *Constitutions of the Free-Masons*. Baste dizer que nela incluiu uma seção intitulada “The Charges of a Free-Mason, extracted from The ancient Records of Lodges beyond Sea, and of those in England, Scotland, and Ireland, for the Use of the Lodges in London: to be read At the making of New Brethren, or when the Master shall order it”.⁶ Afora uma dúzia de mudanças minúsculas, a redação moderna é idêntica.

As fontes de Anderson para “The Charges of a Free-Mason”

Onde encontrou Anderson esse material? A segunda edição de suas *Constitutions*, impressa em 1738, tem uma seção histórica que revela um pouco mais. (A rigor, deveríamos dizer que *revelaria* mais se pudéssemos levá-la a sério. Em outros lugares, boa parte da narrativa de Anderson pode ser demonstrada imaginosa e fantasiosa; nesta porção da história não podemos

os dois testemunhos leem *phase*, de modo que a gralha não é da leitura óptica, mas do impresso; traduzo pelo sentido evidente, “frase”, e registro aqui a lição transmitida. Nenhuma correção foi feita em silêncio.

⁵[Nota do tradutor] *able of cunning* — “hábil e perito”. *Cunning*, no inglês da época, é destreza técnica, não astúcia; é um dos falsos amigos mais perigosos do corpus, e retorna adiante no glossário do próprio McLeod. *Lord’s work*, “a obra do senhor”, é a obra encomendada pelo senhor feudal ou comitente, não obra divina.

⁶[Nota do tradutor] “As Obrigações de um Franco-Maçom, extraídas dos antigos Registros das Lojas de Além-Mar, e das da Inglaterra, Escócia e Irlanda, para uso das Lojas de Londres: a serem lidas quando da feitura de Novos Irmãos, ou quando o Mestre o ordenar.” Mantenho o título no original por ser página de rosto de seção de uma obra impressa identificada.

nem refutá-lo nem confirmá-lo.) Ele relata que na Festa Anual de 24 de junho de 1718, quando a Grande Loja tinha um ano de idade, o novo Grão-Mestre, George Payne, “solicitou a quaisquer Irmãos que trouxessem à Grande Loja quaisquer velhos *Escritos* e *Registros* concernentes aos *Maçons* e à *Maçonaria*, a fim de mostrar os Usos dos tempos antigos; E neste Ano várias cópias antigas das *Gothic Constitutions* foram apresentadas e cotejadas”.⁷

Mesmo naqueles dias havia maçons reticentes, que não quiseram arriscar a divulgação. Em sua narrativa de 1720, Anderson diz: “Neste Ano, em algumas Lojas *particulares*, vários *Manuscritos* muito valiosos [...] concernentes à Fraternidade, suas Lojas, Regulamentos, Obrigações, Segredos e Usos [...] foram queimados com demasiada pressa por alguns Irmãos escrupulosos, para que aqueles Papéis não caíssem em Mãos estranhas.”

No ano seguinte, na Comunicação Trimestral de 29 de setembro de 1721, o Grão-Mestre, Sua Graça o Duque de Montagu, e a Grande Loja, “achando Defeito em todas as Cópias das velhas *Gothic Constitutions*, ordenaram ao Irmão *James Anderson*, A.M., que as digerisse num novo e melhor Método”. O resultado final desses labores foi o primeiro livro das *Constitutions*, devidamente aprovado pela Grande Loja e impresso em 1723. Tal como afirmou, James Anderson de fato fez uso dos velhos manuscritos, que ele chamava “the Old Gothic Constitutions” e que hoje são usualmente conhecidos como “Old Charges” ou “Old Manuscript Constitutions”. Podemos deduzir, pela redação de seu texto, que à época de sua segunda edição, em 1738, ele obtivera acesso a pelo menos seis deles, e que os citou e parafraseou com bastante amplitude.

As Old Charges: número, data, localização, forma, nomes, afinidades maçônicas

A despeito da destruição perpetrada por irmãos zelosos em 1720, chegaram até nós os textos de 113 cópias dessas *Old Charges*, e há referências a mais catorze, hoje perdidas.⁸ Quase dois terços delas são anteriores à primeira Grande Loja de 1717 — pelo menos 63, talvez até 75. Cinquenta e cinco remontam a antes de 1700. Quatro foram escritas por volta de 1600, uma é datada do dia de Natal de 1583, uma é de cerca de 1400 ou 1410, e uma recua até 1390.

A maioria se localiza na Inglaterra; só Londres tem cinquenta e duas. Onze estão na Escócia — nenhuma delas anterior a 1650; quatro estão nos Estados Unidos; de uma se teve notícia pela última vez na Alemanha; e uma emigrou para o Canadá — o Scarborough Manuscript, de cerca de 1700, guardado nos escritórios de minha Grande Loja-mãe.⁹

⁷[Nota do tradutor] *Gothic Constitutions* — “Constituições Góticas” — é a designação que Anderson deu ao corpus manuscrito. Conservo-a no original por ser termo técnico de catálogo. Ver a nota seguinte sobre a inversão terminológica que ele mesmo provocou em 1738.

⁸[Nota do tradutor] A contagem de McLeod — 113 sobreviventes mais catorze desaparecidos — era a corrente em 1986 e continua a ser citada. A pesquisa posterior a revisou. David Taillades, nas próprias *Transactions*, apontou a omissão do George Grey MS e do Dundee nº 2 MS, propôs a remoção de sete itens que são fragmentos ou meras referências, e acrescentou o London Masons’ Company MS, identificado em 2023, chegando a 108 textos disponíveis. Outras contagens em circulação divergem porque divergem os critérios: o Museum of Freemasonry fala em “cerca de 130 exemplares conhecidos”; Prescott, em “mais de 120”. A série histórica ajuda a ver que o número nunca foi estável — Hughan contava 32 em 1872; Gould, 62 em 1889 e 86 em 1895; Baxter, 98 em 1918; Poole, 104 mais doze desaparecidos em 1951. Cf. Taillades, *AQC* 133 (2020) e 136 (2023).

⁹[Nota do tradutor] A Grande Loja do Canadá na Província de Ontário, onde McLeod foi Grande Historiador. Registre-se, porém, que o catálogo do projeto *The Old Charges Collection For Research* dá hoje a localização do Scarborough Manuscript como desconhecida, e que a página de tesouros da biblioteca da Grande Loja, em Hamilton, não o menciona. A atribuição está bem documentada até meados do século XX — Knoop e Jones a registram —, mas não consegui confirmação institucional atual.

As *Old Charges* apresentam aspectos variados. Umhas catorze são conhecidas apenas por transcrições impressas. Umhas poucas são manuscritas em folhas soltas de papel ou velino; cerca de trinta e três estão escritas em folhas presas umas às outras em forma de livro; mas o formato típico, representado por mais de cinquenta versões, é um rolo de papel ou pergaminho, entre três e catorze polegadas de largura, e podendo chegar a catorze pés e meio de comprimento.¹⁰

As cópias são conhecidas por títulos convencionais variados. Às vezes recebem o nome do proprietário atual (Antiquity, Supreme Council); ou às vezes o de um proprietário anterior (Fisher, Wood); ou o do copista (Crane, Foxcroft); ou um nome escrito no manuscrito (Chadwicke, Scarborough); ou o lugar da descoberta (Wakefield); ou o impressor (Briscoe, Roberts); ou o primeiro homem a publicar uma transcrição (Cooke, Dowland); ou um amigo ou benfeitor do proprietário (Cama, Strachan); ou um maçon notável à época da descoberta¹¹ (Devonshire, King George VI); ou a semelhança com outro texto (Harris nº 2); ou uma combinação de duas destas razões (Bolt-Coleraine, Levander-York).

Sua ligação com as lojas operativas é garantida pelo conteúdo; mas sua associação com a franco-maçonaria especulativa também está bem atestada. Quase um quarto (24) pertence, há mais de duzentos anos, a lojas particulares na Inglaterra ou na Escócia. Outras 20 têm alguma conexão rastreável com reuniões de loja ou com oficiais de loja; por exemplo, uma delas, como podemos dizer pela caligrafia, foi copiada pelo homem que foi Escrivão da loja de Edimburgo de 1675 a 1678 (Kilwinning); três são do Escrivão da Companhia dos Maçons de Londres em 1677/78 (Bain, Phillipps nº 1, Phillipps nº 2); uma é do Escrivão da Sociedade dos Franco-Maçons de Londres em 1686 (Antiquity); outras cinco são do Secretário da Grande Loja entre 1727 e 1733 (Fisher, Songhurst, Spencer, Supreme Council, Woodford).

As Old Charges: conteúdo

O mais estranho a respeito destes cento e treze textos é que todos dizem, no essencial, a mesma coisa. A única explicação possível é que sejam todos aparentados e remontem a um único original, hoje perdido. Evidentemente, foi editado e reeditado dezenas de vezes, e copiado e recopiado centenas de vezes nos anos entre 1350 e 1717, por toda a Inglaterra e a Escócia. As versões que sobrevivem representam apenas uma pequena fração das que de fato se escreveram. O texto é relativamente curto e, em sua forma mais comum, chega a cerca de 3.500 palavras. Para facilidade de referência, o texto básico foi arbitrariamente dividido em capítulos e seções numerados.

Resumamos o conteúdo, com alguns exemplos típicos da redação.

(1) Todos começam por uma Invocação: “O poder do Pai do Céu, com a sabedoria do glorioso Filho, mediante a graça e a bondade do Espírito Santo, que são três pessoas em uma só Divindade, seja conosco em nosso princípio, e dê-nos graça para de tal modo governar-nos aqui

¹⁰[Nota do tradutor] Aproximadamente 7,6 a 35,5 cm de largura e até 4,4 metros de comprimento. Preservo as medidas inglesas no corpo, como no original.

¹¹[Nota do tradutor] É aqui que a *AQC* imprime, na p. 121, a única chamada de nota de rodapé da conferência. O texto da nota não sobreviveu em nenhuma das duas reproduções de que disponho; registro sua existência e seu lugar exato para que uma edição futura, feita sobre o impresso, possa restituí-la.

em nossa vida que possamos chegar à Sua Bem-aventurança que jamais terá fim. Amém” (Capítulo 1).

(2) Vem em seguida um anúncio do propósito e do conteúdo (Capítulo 2), seguido de uma breve descrição das sete ciências liberais (Capítulo 3); uma delas é a Geometria, que é sinônimo de Maçonaria. Temos depois uma prova da natureza fundamental da Geometria (Capítulo 4). “Pois ela ensina medida e medição, ponderação e peso, de toda sorte de coisas sobre a terra. E não há homem que trabalhe em ofício algum que não trabalhe por alguma medida ou medição; nem homem que compre ou venda senão por medida ou peso, e tudo isto é Geometria. E estes mercadores e artífices encontram todas as demais das sete ciências; e especialmente os lavradores, e os cultivadores de toda sorte de grão (tanto cereal quanto semente), os plantadores de vinha e os que assentam outros frutos. Pois nem a Gramática nem a Retórica, nem a Astronomia nem nenhuma das outras ciências pode encontrar para um homem medição ou medida sem a Geometria. Pelo que me parece que aquela ciência é a mais digna, que encontra todas as outras.”

(3) Segue-se uma extensa História Tradicional da Geometria, da Maçonaria e da Arquitetura, ocupando mais da metade do texto. Funda-se, em primeira instância, na Bíblia, o único livro que a maior parte das pessoas jamais viu ou ouviu na Idade Média. A arte de construir foi inventada, dizem-nos, antes do Dilúvio de Noé, por Jabal; e a fundição de metais foi descoberta por seu irmão Tubalcaim. Sabiam eles que Deus enviaria destruição por causa do pecado, e assim escreveram suas artes em duas grandes colunas, que foram encontradas depois do Dilúvio (Capítulos 5, 6). Ouvimos então falar de Ninrode e da Torre de Babel (Capítulo 7); e de como Abraão foi ao Egito e ensinou as artes e ciências liberais aos egípcios; e de como teve por discípulo Euclides (Capítulos 8, 9, 10 — o que reúne dois homens que viveram com 1.600 anos de intervalo); de como o Rei Davi amava bem os maçons (Capítulo 11); de como Salomão edificou o Templo, com a ajuda do Rei Hiram e de seu Mestre de Obras — cujo nome não é o que esperaríamos (Capítulo 12).¹² Um homem que trabalhara no Templo de Salomão foi mais tarde à França e ensinou a arte a Carlos Martel — que na realidade veio 1.700 anos depois (Capítulo 13); em seguida o Ofício foi levado à Inglaterra, no tempo de Santo Albano — um salto para trás de 500 anos (Capítulo 14); e finalmente, por volta do ano 930, o Príncipe Edwin convocou uma grande assembleia de maçons na cidade de York e estabeleceu os regulamentos usados “daquele dia até este tempo” (Capítulos 15, 16).

(4) Temos então a maneira de tomar o juramento; usualmente, por alguma razão, dada em latim; uma tradução literal reza: “Então segure um dos anciãos o Livro, de modo que ele ou eles ponham as mãos sobre o Livro, e então devem ser lidas as regras” (Capítulo 17).

(5) Vem em seguida a admoestação: “Todo homem que seja maçom preste bem atenção a estas obrigações; se vos achardes culpados em alguma delas, que possais emendar-vos diante de Deus. E especialmente vós, que haveis de ser obrigados, prestai bem atenção para que possais guardar estas obrigações, pois é grande perigo para um homem perjurar-se sobre um Livro” (Capítulo 18).

(6) Vêm depois os regulamentos, ou *Charges* propriamente ditas. Algumas se destinam a administrar o ofício: “Nenhum Mestre tomará sobre si obra alguma de senhor, nem obra de

¹²[Nota do tradutor] Aynon, e não Hiram Abif — ponto ao qual McLeod volta adiante, na seção “Por que se dar ao trabalho?”, para desmontar a tese de que *Aymon* seria um “nome substituto” hebraico transmitido oralmente.

nenhum outro homem, senão sabendo-se capaz e perito para executá-la [...]” (20.2). “Também, que nenhum Mestre tome obra alguma senão tomando-a razoavelmente [...]” (20.3). São estas as que ainda hoje se citam quase *verbatim* em “The Charges of a Free-Mason”. Outras não dizem respeito de modo algum a matérias do ofício, mas destinam-se a regular a conduta. Sem dúvida eram essenciais numa comunidade de artesãos lançados juntos, em estreita proximidade, vinte e quatro horas por dia. Ainda assim, são inesperadas, e servem para marcar a loja dos maçons como diferente da maior parte das outras organizações de ofício. “Sereis súditos leais ao Rei, sem traição nem falsidade [...]” (19.2). “E também que todo maçom guarde fielmente o conselho da loja e o da câmara [...]” (19.4). “Não tomareis a mulher de vosso Companheiro em vilania, nem desejareis impiamente sua filha nem sua serva” (19.7). “E também que nenhum Companheiro calunie outro pelas costas, para fazê-lo perder seu bom nome ou seus bens mundanos” (20.9). “E que nenhum Companheiro vá à cidade de noite, onde haja uma loja de Companheiros, sem um Companheiro consigo que possa testemunhar que esteve em lugares honestos” (20.14). “E também que todo maçom receba e acolha Companheiros estranhos quando venham de outra parte do país, e os ponha a trabalhar; [...] e se não tiver pedras para ele, refaça-o com dinheiro até a próxima loja” (20.19). (Capítulos 19, 20.)

(7) Finalmente vem o Juramento: “Estas obrigações que rememoramos, e todas as outras que pertencem à Maçonaria, guardá-las-eis, assim vos ajude Deus e o que tendes por sagrado, e por este Livro, conforme vossas forças. Amém” (Capítulo 21).¹³

As Old Charges: propósito e função

É justo perguntar para que serviam as *Old Charges*. Para começar, as regras e ordenações serviam a um propósito prático. Destinavam-se claramente a regular o Ofício. Vinte e cinco das cópias trazem efetivamente o cabeçalho “Constitution” ou “Constitutions”; outras duas (Gateshead, Levander-York) estão manuscritas em folhas de papel avulsas encadernadas junto com o texto impresso das *Constitutions*; quatro (Aitchison’s Haven, Alnwick, Kilwinning, Thistle) foram escritas em livros de atas de loja, e uma (Aberdeen) no livro de marcas da loja.

Sabemos também que, ocasionalmente, eram tratadas como uma Carta Constitutiva. A velha loja escocesa de Stirling tinha uma cópia das *Old Charges*, escrita numa única folha de pergaminho; fora montada e emoldurada, e os membros acreditavam que suas reuniões não seriam legais a menos que o manuscrito estivesse exposto na sala da loja. Outro texto, o Aberdeen Manuscript, tem o cabeçalho “The Mason Charter”. Em tempos idos, a Lodge of Hope, em Bradford, considerava seu rolo a autoridade para conferir o Grau de Marca.

Em certo sentido, as *Old Charges* também serviam de Trabalho, porque descreviam certos procedimentos a serem seguidos quando um homem era feito maçom, e incluíam pequenas porções de ritual, como a Invocação e a Obrigação. É claro que algumas delas foram efetivamente usadas em reuniões de loja. Uma (a que está no Canadá) traz um endosso que descreve uma reunião em Scarborough, no Yorkshire, em 1705. Outra (Sloane nº 3848) foi escrita em 16 de

¹³[Nota do tradutor] *So help you God and Halidom*: *halidom* é palavra do inglês antigo que designa aquilo que se tem por sagrado — relíquia, santuário, coisa santa. Não há equivalente português corrente; traduzo pela perífrase “o que tendes por sagrado”. *To your power*: “conforme vossas forças”, isto é, na medida de vossa capacidade.

outubro de 1646, em Warrington, expressamente para a iniciação do antiquário Elias Ashmole.¹⁴ Ainda outra (York nº 4), datada de 1693, inclui uma lista dos membros da loja.

Vemos, pois, que forneciam ordenação, autoridade e ritual — três matérias práticas. Mas devem ter tido também um efeito psicológico. Incutiam nos maçons um sentimento de respeito e reverência por seu ofício. Diziam-lhes como ele remontava a tempos antediluvianos, como estava ligado a edifícios famosos das Sagradas Escrituras, e como podia contar entre seus devotos os próprios monarcas. Este não era um ofício servil de recente invenção, mas uma instituição antiga e honrada.

A crítica textual e seu papel

A pergunta seguinte é: que se faz com 113 textos, todos quase idênticos? Copiais cada um deles com a maior exatidão possível e publicais vossa transcrição? Pois bem, podeis. De fato, foi isso que se fez com as *Old Charges*. Exatamente cem delas foram publicadas. Mas há outro modo de abordá-las, e ele exige uma digressão.

A arte de imprimir com tipos móveis chegou à Europa em algum momento por volta de 1450. Antes dessa data, todas as obras literárias, todos os documentos jurídicos, toda a propaganda política tinham de ser transcritos à mão. As cópias eram poucas em número, e não havia duas idênticas. Cada uma era única, laboriosamente escrita, uma de cada vez, por um copista individual. Se alguma vez tivestes de copiar um texto extenso, perceberéis que os erros eram inevitáveis. No que toca aos livros dos autores antigos, alguém disse que o texto transmitido “em termos físicos significa um monge cujo conhecimento de latim oscila entre o insuficiente e o inexistente, copiando sob má luz a partir de um manuscrito em caligrafia desconhecida, sentindo-se miseravelmente enregelado e ansiando pelo jantar” (James Willis, *Phoenix* 20 [1966] 319-320). Sem dúvida, muito do mesmo se poderia dizer dos que copiaram as palavras das *Old Charges*.

A introdução da imprensa teve dois efeitos admiráveis. Significou que se podia fazer um grande número de cópias idênticas. E introduziu um padrão de exatidão antes insonhável. Antes da publicação, o editor podia agora rever as provas e corrigir seu texto tantas vezes quantas quisesse. Quando passamos a considerar as obras literárias escritas desde 1500, podemos normalmente supor que quase toda palavra da página impressa reflete com exatidão a intenção do autor.

Para as obras mais antigas, o caso é muito outro. Não temos, na maioria dos casos, o texto manuscrito do próprio autor. O que temos são transcrições, a um número desconhecido de graus de distância. Às vezes há pouquíssimas cópias, ou mesmo uma só (por exemplo, a *Constituição de Atenas* de Aristóteles, e o poema anglo-saxão *Beowulf*). Outras vezes existe grande número delas (assim, a Bíblia e a *Eneida* de Virgílio). Em qualquer dos casos, se quisermos recuperar as palavras efetivas do autor, não podemos simplesmente transcrever o texto de um único manuscrito, pois, como vimos, os copistas são propensos ao erro. Devemos valer-nos de uma disciplina conhecida como “crítica textual”. “O negócio da crítica textual”, nas palavras de uma

¹⁴[Nota do tradutor] A associação entre o Sloane MS 3848 e a iniciação de Ashmole é inferência, não fato documentado: a cópia foi concluída no mesmo dia em que Ashmole foi feito franco-maçom em Warrington, e Knoop e Jones registram, com prudência, que “há alguma razão para pensar” que tenha sido usada naquela cerimônia. McLeod afirma-o aqui sem essa reserva.

autoridade, “é produzir um texto tão próximo do original quanto possível” (Paul Maas, *Textual Criticism* [Oxford, 1958], 1).

Um exemplo ou dois talvez sirvam para estabelecer a utilidade do processo. No texto grego do Antigo Testamento, no Livro do Eclesiastes, capítulo 12, versículo 6, alguns manuscritos leem “ou o cântaro se quebre na fonte” (*epi ten pegen*), mas o grande *Codex Sinaiticus* de Tischendorf tem “ou o cântaro se quebre no chão” (*epi ten gen*). Quando imprimimos nosso texto autorizado, como escolher entre eles? De novo: lembrais-vos dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse? Estará o segundo montado num cavalo vermelho (*hippos pyrrhos*) ou num cavalo de fogo (*hippos pyros*)? Ambas as lições ocorrem em manuscritos do *Apocalipse de São João*, capítulo 6, versículo 4. Ou, para tomar um terceiro exemplo, em *Troilo e Créssida* de Chaucer, Livro 1, verso 949, algumas versões têm: “A rosa cresce doce e lisa e macia.” Outras têm: “O lírio cresce branco, liso e macio.” Presumivelmente, ambas não podem estar corretas. Devemos escolher. Mas com que base?

Ou ainda, considerai o *Ricardo III* de Shakespeare; para o fim do Ato IV, quando William Catesby entra com notícias do traidor fugitivo, a primeira edição in-quarto de 1597 fá-lo anunciar:

Meu senhor, o Duque de Buckingham foi capturado,
Essa é a melhor notícia; que o Conde de Richmond
Desembarcou com poderosa força em Milford,
É nova mais fria, mas cumpre dizê-la.

Uma edição publicada em Londres em 1700 faz Catesby dizer:

Meu senhor, o Duque de Buckingham foi capturado,
e então faz Ricardo interrompê-lo com as palavras:
Cortem-lhe a cabeça. E basta de Buckingham.

Um verso excelente! Tão bom, de fato, que Sir Laurence Olivier o conservou em sua versão cinematográfica da peça (1956)! Mas como decidimos se ele realmente pertence ali?

“Cem anos atrás era regra contar os manuscritos e confiar na maioria.” Mas hoje sabemos que “os manuscritos devem ser pesados, não contados”, e que um bom pesa mais que quarenta maus (A. E. Housman, *Juvenalis Saturae* [edição corrigida, Cambridge, 1931], XIII). Deveríamos então seguir o melhor deles, corrigindo-o aqui e ali a partir de outras fontes quando incorre em erro manifesto? Esse procedimento atraiu o escárnio de um dos mestres da invectiva, que comentou como segue:

Crer que, onde quer que o melhor manuscrito dê lições possíveis, ele dá lições verdadeiras, e que somente quando dá lições impossíveis é que dá lições falsas, é crer que um editor incompetente é o favorito da Providência, que deu a seus anjos ordem a respeito dele,¹⁵ para que em tempo algum sua indolência e insensatez produzissem seus resultados naturais e incorressem na pena que lhes é devida. O acaso e o curso comum da natureza não farão com que as lições de um manuscrito estejam certas onde quer que sejam possíveis, e sejam impossíveis onde quer que estejam erradas:

¹⁵[Nota do tradutor] A ironia de Housman depende de uma alusão bíblica que o leitor inglês de 1903 reconhecia de imediato: “Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos” (Salmo 91,11 — 90,11 na Vulgata). O editor preguiçoso é assim comparado ao justo protegido por anjos, e a Providência, a uma babá.

isso requer intervenção divina; e quando se considera a história do homem e o espetáculo do universo, espero que se possa dizer sem impiedade que a intervenção divina poderia ter sido mais bem empregada alhures. Como o mundo é governado, e por que foi criado, não sei dizer; mas ele não é leito de plumas para o repouso dos preguiçosos. (A. E. Housman, *Manilii Astronomicon* 1 [Londres, 1903], xxxii.)

Pois bem: podemos adivinhar, com base em nossa compreensão da prática do autor, ou no sentido que o contexto exige. Se formos bem treinados e sensatos, acertaremos parte das vezes. Mas há outro caminho, que minimiza a adivinhação. Consiste em determinar as relações de parentesco dos vários manuscritos e então inferir o que deve ter estado no ancestral de todas as versões existentes. É desse modo que o texto dos autores antigos é normalmente recuperado. Isso é “crítica textual”. Embora muitos dos manuscritos das *Old Charges* sejam posteriores à introdução da imprensa, eles se comportam muito à maneira dos manuscritos mais antigos, e podem ser abordados exatamente do mesmo modo.

As famílias das Old Charges

Os manuscritos das *Old Charges* exibem uma semelhança básica, mas dividem-se prontamente em “famílias”, cada uma das quais exhibe larga medida de uniformidade textual. Essa classificação foi elaborada pela primeira vez pelo grande erudito maçônico Dr. Wilhelm Begemann, em 1888.¹⁶ Há oito famílias, cada uma indicada por um nome e uma letra-código.

A	Regius Manuscript	1 texto
B	Família Cooke	3 textos
C	Família Plot	6 textos
T	Família Tew	9 textos
D	Família Grand Lodge	53 textos
E	Família Sloane	21 textos
F	Família Roberts	6 textos
G	Família Spencer	6 textos
H	Versões avulsas (resíduo)	8 textos

Além disso há 14 “manuscritos desaparecidos”, conhecidos apenas por alusões de passagem; são rotulados com a letra X. Cada uma das 127 versões é designada por um código ou abreviatura, que consiste numa letra (para marcar a família) e num número de série. Nas duas famílias maiores emprega-se ainda uma segunda letra, para apontar um ramo particular.

Na verdade, à parte A, que está em classe própria, as famílias dividem-se em dois grandes grupos. Um deles (constituído pelas famílias B e C) provém claramente de um original composto antes de 1400; era verboso e vagaroso — em suma, “Medieval”. Em alguma data do século XVI

¹⁶[Nota do tradutor] O trabalho fundador é “An Attempt to Classify the ‘Old Charges’ of the British Masons”, *AQC* 1 (1886-1888), pp. 152-161 — razão pela qual se encontram na literatura tanto a data de 1886 quanto a de 1888. O método de Begemann era o cotejo linha a linha e palavra a palavra, e ele rejeitava expressamente a classificação de Gould. Knoop e Jones atribuem a classificação conjuntamente a “Hughan e Begemann”.

foi inteiramente revisto; boa parte da verbosidade excedente foi podada, e o conjunto tornou-se muito mais conciso e de leitura mais fácil. Este novo texto, que se chama Versão “Standard Original”, não sobrevive, mas foi o ancestral das famílias T, D, E, F e G.¹⁷

O que precisa ser feito é recuperar o texto original da versão “Medieval” e do “Standard Original”. Isso pode ser feito com razoável medida de certeza. A Versão Medieval não é difícil de reconstruir. O “Standard Original” é algo mais trabalhoso, mas num Apêndice a este trabalho apresentamos um texto tentativo dele. Antes de passarmos a considerá-lo, cabe explicar como foi reconstruído.

Estabelecendo as relações

Primeiro devemos estabelecer algumas das relações das várias cópias. Fazemo-lo mediante comparações detalhadas das lições de passagens individuais. Tomamos uma porção do texto acerca da qual estamos razoavelmente seguros do que dizia o original, e então anotamos quais manuscritos dela divergem. Verificaremos em geral que certo grupo de textos compartilha toda uma série dessas lições novas, e podemos supor com segurança que descendem todos de um ancestral comum. Às vezes a lição nova nasce de um mal-entendido; às vezes é a modernização de uma palavra antiga; às vezes é uma ampliação do texto, ou uma abreviação dele. Citemos alguns exemplos.

20.18, nos regulamentos: “E também que nenhum Mestre nem Companheiro ponha assentador algum, dentro da loja nem fora dela, a talhar pedras de molde com molde algum de sua própria feitura.” A frase final, “com molde algum de sua própria feitura”, é omitida em mais de cinquenta textos, todos pertencentes à família Grand Lodge.

7.4, quando os pedreiros de Ninrode ajudavam a construir a cidade de Nínive: a lição original era “Quando os enviou”. Uns trinta e cinco manuscritos leem isto como “Quando eles foram”; o que ajuda a definir as famílias Tew, Sloane e Roberts.

1, a Invocação começa: “O poder do Pai do Céu.” Aparentemente, numa cópia as três primeiras palavras estavam ilegíveis ou rasgadas, e o transcritor preencheu a lacuna escrevendo em seu lugar “Ó Senhor Deus, Pai do Céu”. Há oito descendentes, todos na família Tew.

8.3, falando do Egito no tempo de Abraão: “E em seus dias aconteceu que os senhores e os estados do reino tinham tantos filhos gerados, uns por suas esposas e outros por outras damas do reino, pois aquela é terra quente e abundante em geração, que não tinham meios competentes para sustentar seus filhos, pelo que muito se afligiam.” Alguém teve dificuldade com a escrita e converteu a passagem em disparate: “pois aquela é terra santa e geração abastecida”. Quinze manuscritos trazem isto ou algo semelhante. Pertencem à família Sloane.¹⁸

No capítulo 7.4 dizem-nos que, quando Ninrode enviou seus maçons, “deu-lhes uma obrigação desta maneira”. Umas trinta ou quarenta linhas adiante, quando Euclides terminara de ensinar seus discípulos, dizem-nos igualmente, no capítulo 10.1, que “deu-lhes uma obrigação

¹⁷[Nota do tradutor] Conservo *Standard Original* no original inglês, sem traduzir, por ser designação técnica consagrada — “Original Padrão” seria a tradução literal. Não se trata do texto originário das *Old Charges*, mas do arquétipo reconstruível a partir dos testemunhos sobreviventes das famílias T, D, E, F e G; McLeod o data adiante entre 1470 e 1560.

¹⁸[Nota do tradutor] No original, a corrupção é *a holy land and plenished generation* em lugar de *a hot land, and plenteous of generation* — erro de leitura de *hot* por *holy* e de *plenteous* por *plenished*. Procurei reproduzir em português um deslize da mesma espécie (“quente/santa”, “abundante em geração/geração abastecida”), mas o efeito é necessariamente aproximado: o trocadilho involuntário depende da grafia inglesa.

desta maneira”. Aparentemente, em certa ocasião um copista foi interrompido em seu trabalho depois de haver escrito a primeira passagem. Ao voltar, retomou-o erradamente pelas palavras idênticas da segunda passagem, deixando de fora os dois capítulos e meio intermediários. Há cinco descendentes que exibem essa peculiaridade — o ramo Lansdowne da família Grand Lodge.

2.1, a saudação “Bons irmãos e Companheiros” foi corrigida ou mal lida como “Bons Diáconos e Companheiros”; essa lição é compartilhada por duas cópias, que constituem o ramo Stirling da família Grand Lodge.¹⁹

13.7, o texto explica como Carlos Martel foi eleito Rei da França. “E quando estava em seu estado”, diz a versão usual, “tomou muitos maçons”. Mas um copista leu mal a palavra *estate* (ou, na verdade, *state*) e escreveu “quando estava em sua baía”.²⁰ Há cinco descendentes, todos no ramo Thorp da família Sloane.

Procedendo dessa maneira, é possível afinal levantar uma tabela completa das relações de todos os manuscritos do ramo. Podemos então usar a tabela para reconstruir o ancestral do ramo.

As personalidades dos copistas

Um estudo das cópias individuais confirma que cada escriba tem personalidade própria, e algumas são bastante acentuadas. A maior parte deles procura conscienciosamente copiar exatamente o que tem diante de si. Se as palavras que imaginam ver não fazem sentido, pois que assim seja! Transcrevem-nas do mesmo modo. Assim, em 2.1, o escritor do Embleton Manuscript (E.d.7) leu *craft* como *ghost*.²¹ Em 10.6, o Boyden Manuscript (D.e.44) copia *lineage* como *learage*. Em 14.1 o Lansdowne Manuscript (D.d.2) converteu *for any* — lição alternativa de *of any* — em *Foragine* (e membros posteriores do ramo, D.d.15, 42, 48, inevitavelmente “corrigiram” isto para *foreign*). Em 14.5 o Phillipps Manuscript nº 3 (D.b.31) tem *nurses* em lugar de *nuncheons*. Dois membros do ramo York (D.c.17, 37) escreveram *evill any* por *villainy* em 19.7. E três membros do ramo Hope (E.c.5, 8, 18), em 20.19, transcreveram *stones* como *sconder* ou *sconder*. Algumas dessas corrupções seriam absolutamente ininteligíveis se não tivéssemos outros textos a fornecer a lição correta.

Os nomes desconhecidos são particularmente vulneráveis, e por isso encontramos com frequência monstruosidades como *Harmonise* em lugar de *Hermarines* (D.b.41), *Mirth* por *Nimrod* (D.h.55), *Nimmorah* por *Nineveh* (D.e.49), *Evesidde* por *Euclid* (T.7), *Fireland* por *Jerusalem* (D.i.11)²², *Brenithmen* por *Frenchmen* (E.d.13), ou *Hoderine* em lugar de *Edwin* (E.c.5, 8).

¹⁹[Nota do tradutor] O erro nasce da semelhança gráfica entre *brethren* e *deacons* numa caligrafia abreviada — não de qualquer sentido maçônico do termo “Diácono”, que só se firma como cargo de loja bem mais tarde.

²⁰[Nota do tradutor] *Stall* por *state* — literalmente “baía”, “estala”, e também o assento fixo do coro de uma igreja. A corrupção é gráfica; não tem sentido no contexto.

²¹[Nota do tradutor] Conservo os erros dos copistas em inglês, sem traduzi-los: são o dado probatório do argumento de McLeod, e traduzi-los destruiria a demonstração. Em português: *craft* (ofício) lido como *ghost* (espectro); *lineage* (linhagem) como *learage* (nada); *nuncheons* (merenda) como *nurses* (amas); *villainy* (vilania) como *evill any*; *stones* (pedras) como *sconder*.

²²[Nota do tradutor] A reimpressão de 1988 traz aqui “W.11”, sigla que não corresponde a nenhuma letra de família do sistema. O cotejo com a publicação original resolveu o ponto: a AQC lê D.i.11, isto é, o Aberdeen MS — leitura coerente, pois o texto de Aberdeen é escocês e a corruptela *Fireland* por *Jerusalem* é do gênero que se espera de um copista trabalhando longe do original.

Alguns escribas, ao chegarem a uma passagem que não conseguem ler de modo algum, deixam um espaço do comprimento exato. Assim, o escritor do Antiquity Manuscript (D.d.15) não conseguiu ler a palavra *paynim*, “pagão”, em 14.2, e deixou um branco. (Claro que, se por sua vez se faz uma cópia posterior, então às vezes o branco é fechado, ou preenchido por conjectura, e perdemos toda indicação de que algo está errado. Assim, dois parentes mais jovens do Antiquity Manuscript, D.d.42 e 48, preencheram a lacuna da palavra “pagão” adivinhando “maçom”.) De novo, em 13.2, algum escriba não conseguiu ler o nome completo de “Naymus Grecus”, e por isso transcreveu “[espaço] Grecus” (D.a.4, 5, 39); membros posteriores da família foram menos escrupulosos e fecharam a lacuna, escrevendo simplesmente “Grecus”, sem sinal algum de que faltasse algo (D.a.8, 29, 43).

Ocasionalmente encontramos alguém com um pouco de iniciativa, alguém que não teme reescrever uma frase ou duas no interesse da clareza, ou do que toma por clareza. Assim foi o homem que escreveu o Huddleston Manuscript (D.e.49). O texto que copiava definia a Música dizendo que “ensina voz de língua, harpa ou órgão” (3.7). Ele o ornamentou e escreveu que ela “ensina a cantar e a tocar harpa e órgão e outros instrumentos”. De novo, quando Mark Kypling, em 1693, copiou sua versão das *Old Charges* (York Manuscript nº 4, E.c.9), aparentemente decidiu que a seção histórica concluía de modo abrupto demais. Inseriu, portanto, uma retrospectiva no fim do Capítulo 16: “Ora, ouvistes em particular como este nobre e famoso Ofício da Maçonaria foi primeiro inventado; e como miraculosamente foi preservado; e, desde então, como foi amado e acarinhado tanto por reis quanto por potentados, desde seu primeiro princípio até este mesmo dia, e como deve e deveria ainda ser amado e mantido em alta reputação e estima por toda sorte de pessoas.”

De tempos em tempos intervém um tipo estudioso. Uns poucos deles tinham por hábito conferir as afirmações contra sua Bíblia, e por vezes substituíam uma citação escriturística pela versão original. Assim, em 5.9 o original contava como Tubalcaim “achou o ofício do ferreiro, do ouro, da prata, do cobre, do ferro e do aço”. Um grupo de cópias (D.a.29 e a família G) traz em seu lugar a afirmação de que Tubalcaim foi o “instrutor de todo artífice em bronze e ferro” — palavras que vêm de Gênesis 4,22.

Só raramente encontramos um editor criativo, alguém que trabalha o texto inteiro a fundo, atualizando a linguagem e introduzindo material novo. Homens desses foram responsáveis pelo ramo Harris, pela família Roberts, pela família Spencer e, acima de tudo, pelo Raymond Manuscript. Gente estimável, tenho certeza, mas meu único comentário, como estudioso do texto, é: graças aos Céus não houve mais deles.

O texto reconstituído

O texto que afinal recuperamos (impresso no Apêndice a este trabalho) não guarda surpresas reais. É próximo, na redação, de muitos de seus descendentes, embora não coincida com nenhum deles. É certamente mais autorizado e mais legível que seu descendente sobrevivente mais antigo, o Grand Lodge Manuscript nº 1. Em centenas de lugares as lições diferem. Na maioria, é certo, a diferença não é substantiva; mas em várias dezenas há distinção real — para citar um único exemplo, em 20.4 omite-se uma negativa indispensável.

Sua data exata é incerta, mas podemos determinar os limites dentro dos quais foi composto. O Grand Lodge Manuscript nº 1 (D.a.1) foi escrito em 1583. Sabemos também de dois descendentes anteriores que já não existem. O Melrose Manuscript nº 2 (D.sundry.12) está certificado como transcrito de um original perdido de 1581, e o Levander-York Manuscript (D.b.41) declara-se copiado de um texto de 1560. Todas essas versões, como podemos dizer pelo texto, não foram copiadas diretamente do “Standard Original”, mas estão a vários graus de distância dele. Segue-se que o “Standard Original” deve ter sido escrito em algum momento antes de 1560. Do mesmo modo, deve ser posterior a 1470, porque deriva claramente da família Plot, que menciona “nosso falecido soberano senhor o Rei Henrique VI”. Os limites extremos parecem ser, então, 1470 e 1560. Os que entendem dessas coisas dizem que “a língua e o estilo dificilmente sugerem data anterior à primeira metade do século XVI” (Douglas Knoop e G. P. Jones, *The Genesis of Freemasonry* [Manchester, 1947], 76). Talvez a sentença de Poole, “alguma data como 1520-40”, seja tão boa quanto qualquer outra (*Gould’s History of Freemasonry*, revisada por Herbert Poole [Londres, 1951], 1.36).

O texto tem um sabor nítido de inglês médio. Palavras correntes há 450 anos, mas hoje obsoletas ou alteradas de sentido, ocorrem regularmente:

an (= se);
bebest (= promessa);
clerk (= erudito);
cry (= proclamar ou proclamação);
cunning (= perícia ou perito);
curious (= hábil);
depart (= dividir ou repartir);
deserve (= servir);
drew to (= veio a);
fere (= companheiro);
find (= sustentar ou prover);
get (= gerar);
Halidom (= aquilo que se tem por sagrado);
hight (= chamado);
journey (= jornada de trabalho);
mete (= medida);
mo (= mais em número);
nunchcons (= refeição ligeira);
paynim (= pagão);
practic (= prática);
sithen (= em seguida);
take (= entregar ou dar);
travel (= esforço);
tree (= madeira);
wit (= saber);
worship (= honra);

e assim por diante.²³

Os nomes bíblicos são usados nas formas latinas que eram familiares na Vulgata, e não nas hebraicas que se tornaram correntes depois da Reforma; assim, *Ada* por Adah, *Jabel* por Jabal, *Nemrod* por Nimrod, *Ninive* por Nineveh, *Noe* por Noah, *Salomon* em lugar de Solomon, *Sara* por Sarah, *Sella* por Zillah, e *Sem* em vez de Shem.²⁴

Por que se dar ao trabalho?

Há muitas razões pelas quais o esforço de reconstruir um manuscrito perdido vale a pena. Não a menor delas é a pura satisfação intelectual de trazer ordem do caos. Há benefícios práticos também. Se vos ocupais do conteúdo das *Old Charges*, o material que precisais considerar reduz-se a volume manejável. Já não tendes de preocupar-vos com 113 textos distintos, todos de igual valor probatório. E podeis estar certos de que lidais com a intenção original do autor, e não com um erro casual de leitura.

Agora, em lugar de discutir qual lição variante devemos seguir, temos um texto único. Tomemos uma passagem em que há larga gama de variantes. Em 14.5 dizem-nos que Santo Albano elevou o salário dos maçons, que era de um pêni por dia, e o fez bem bom. Mas para quanto o elevou? Algumas versões dizem dois xelins por semana, outras dois e seis, outras ainda três, ou três e seis, ou mesmo quatro ou quatro e seis. Qual era a cifra original? A crítica textual permite-nos dizer que tanto o “Standard Original” quanto o Original Medieval tinham dois xelins e seis pence. É ao menos possível que essa cifra tenha alguma implicação para a datação da composição original da Versão Medieval. Se representa o salário efetivamente corrente à época, aponta para meados do século XIV. A remuneração média dos maçons era de cinco pence por dia (ou 2/6 por semana) em Oxford durante a década de 1351-1360 (Douglas Knoop e G. P. Jones, *The Mediaeval Mason* [3ª edição, Manchester, 1967], 211). Por outros fundamentos, a data do original (conhecido como a “New Long History”) havia sido situada entre 1350 e 1390 (Douglas Knoop, G. P. Jones e Douglas Hamer, *The Two Earliest Masonic MSS.* [Manchester, 1938], 59).

Ou, de novo, considerai o nome do arquiteto do Templo de Salomão. Na maçonaria moderna, claro, ele se chama Hiram Abif, forma que remonta em última instância à Bíblia, 2 Crônicas 2,13 e 4,16. Vereis insinuar-se de tempos em tempos que o nome de Hiram era segredo maçônico, transmitido oralmente através da Idade Média, enquanto os textos escritos traziam em seu lugar o “nome substituto” *Aymon*; isto (dizem-nos) seria uma corrupção da palavra hebraica que significa “mestre de obras”. Em dois textos (D.e.13, 14) o arquiteto é chamado *Apleo*, que (asseguram-nos) seria outro “nome substituto” hebraico, significando “o segredo”. Falando por mim, não creio em nada disso. *Aymon*, ou mais provavelmente *Aynon*, era certamente a forma do “Standard Original”. Onde aparecem outros nomes em seu lugar, eles nascem de uma de duas causas. Uma é um simples mal-entendido, do tipo que observamos em

²³[Nota do tradutor] Conservo o glossário em inglês, com as glosas vertidas ao português: é uma lista de formas do inglês médio, e traduzir os lemas a esvaziaria. Note-se que várias dessas palavras reaparecem, com esses mesmos sentidos, na Reconstrução do Apêndice 1.

²⁴[Nota do tradutor] Em português a observação perde parte de sua força, porque nossa tradição bíblica se formou sobre a Vulgata: Noé, Salomão, Sara e Sem são justamente as formas correntes entre nós. Por isso, no Apêndice 1 conservo as formas latinas do texto reconstruído (Noe, Salomon, Nemrod, Ninive, Sella, Jabel), para que o leitor veja o que McLeod está a assinalar.

outros lugares. *Aymo* (em que o traço sobrescrito representa um N final), tal como escrito numa letra de cerca de 1600, poderia facilmente ser lido como *Apleo*. A segunda é a correção consciente. O nome Hiram começa a aparecer por volta de 1675, e ocorre em dezoito cópias. E podemos provar que, em cada um desses textos, o nome novo foi introduzido por um daqueles escribas que consultavam suas Bíblias e ali encontravam o nome Hiram; podemos prová-lo porque, em cada caso, ele dá uma referência ou alusão bíblica. Provavelmente ao menos alguns desses escribas conferiram sua Bíblia porque o nome que tinham diante de si estava ilegível ou lhes era desconhecido. Em suma, não há aqui evidência alguma de qualquer “doutrina secreta”.

Uma vez estabelecidos os detalhes de parentesco, podemos passar a fazer inferências sobre onde e quando foram feitos os intermediários perdidos. Isso nos dirá muito sobre os maçons construtores do período anterior à primeira Grande Loja: onde se localizavam, como se comunicavam, com que frequência mudavam para nova obra, e a que distância se deslocavam. Poderemos também dizer que determinado manuscrito *não* estava em tal lugar em tal tempo. Por exemplo, num número recente da *AQC* afirmou-se que em 1665 o Grand Lodge Manuscript nº 1 estava em Edimburgo, e que dele se fez uma cópia para uso da Loja Kilwinning. Posso agora contestar essa afirmação, pois o Kilwinning Manuscript não é cópia do Grand Lodge Manuscript.

Ou ainda: nos anos recentes tem havido um esforço para recuar a introdução da “Maçonaria Especulativa” para dentro do século XVI, e para sugerir que todas as versões das *Old Charges*, exceto as duas mais antigas — a Regius (A) e a Cooke (B.1) —, são de fato especulativas. Segundo essa hipótese, o texto mais antigo, que pertencia aos maçons operativos, teria sido revisto para alguma organização não operativa não muito antes de 1580. Certamente não há evidência alguma de maçons não operativos na Inglaterra antes de 1600; mas, para além disso, vemos agora que o Grand Lodge Manuscript nº 1 não é fenômeno isolado, e sim parte de uma tradição contínua consideravelmente mais antiga.²⁵

Dividendos

À medida que perambulais pelas *Old Charges*, de tempos em tempos colhereis dividendos — pequenos acréscimos numa cópia isolada, ou num conjunto de manuscritos. Dezesesseis versões trazem um corpo adicional de regulamentos, aparentemente acrescentado por volta de 1650, sob o título “The Apprentice Charge”, que inclui: “E que ele não surrupie nem furete os bens de seu mestre ou ama, nem se ausente de seu serviço, nem se afaste deles por seu próprio prazer, de dia ou de noite, sem licença de um deles.” Isto é claramente operativo.

Outro grupo especial de regras, chamado “The New Articles”, encontra-se em quatro membros da família Roberts. Diz-se que foram adotadas em 1663. Incluem: “Que nenhuma pessoa será aceita como franco-maçom a menos que tenha vinte e um anos ou mais.” Isto provavelmente diz respeito ao Ofício não operativo.

Particularmente interessantes são os pequenos textos adicionais, ou “recheios”, acrescentados em pouquíssimas cópias. Alguns são injunções para governar a conduta: “Fazei tudo como

²⁵[Nota do tradutor] A afirmação de que não há evidência de maçons não operativos na Inglaterra antes de 1600 deve ser lida como posição de McLeod em 1986, num debate então em curso — e não como dado pacífico. A discussão sobre a passagem do operativo ao especulativo e sobre a datação dos casos escoceses mais antigos permanece aberta.

quereríeis que vos fizessem” e “Orai de coração por todos os cristãos” (D.h.18); “Não provoqueis ninguém; não escarneçais de ninguém; não jureis; não depreciai ninguém; não vos oponhais a ninguém; nada é duradouro” (D.c.37); “Homem, não perjures, teme a Deus, honra o Rei” (ambos em latim, D.d.48); “Louvai sempre a Deus” (em latim, D.e.49); “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos: porque isto é o dever de todo homem” (Eclesiastes 12,13; D.d.15, 42, 48); exortações escriturísticas a viver em harmonia fraterna (1 Coríntios 1,10; H.7) e a habitar na casa do saber (Eclesiástico 51,23; E.a.10, H.7).

Alguns dos acréscimos são especificamente maçônicos. Nada menos que quinze versões incluem uma representação ou uma descrição das armas da Companhia dos Maçons, o que serve para reconhecer a ligação com o ofício operativo. Há máximas escriturísticas que aludem ao ofício de construir (Salmo 127,1; D.sundry.6) e aos artífices (Eclesiástico 9,17; E.a.10), às obras e à sabedoria de Deus (Salmo 104,24; E.d.22) e ao furor dos gentios (Salmo 2,1; em hebraico, D.sundry.54); os versículos tradicionais que começam por “No princípio” (Gênesis 1,1; em hebraico, D.sundry.54; João 1,1; D.a.1). Há textos sobre desprezar os profanos (em latim, do poeta romano Horácio; T.6) e sobre as virtudes das ciências matemáticas (em latim e grego, também em T.6). Há notas sobre o tamanho das pedras do Templo de Salomão (D.b.41); sobre a data em que a Companhia dos Maçons foi incorporada (D.e.19); uma lista dos onze metais (em latim gravemente corrompido; E.d.13 — o arquiteto do templo era fundidor de metais). Cinco versões trazem um breve resumo latino das sete artes e ciências liberais, que reza assim (traduzo): “A Gramática fala; a Lógica ensina a verdade; a Retórica colore as palavras; a Música canta; a Aritmética conta; a Geometria pesa; a Astronomia cultiva as estrelas.”²⁶ Em três cópias uma seção do texto tradicional aparece combinada com uma série de “Ordenações” que são claramente operativas (“Que nenhum maçom tome obra alguma por empreitada ou por dia, exceto a obra do Rei, sem que ao menos disso dê ciência a três ou quatro de seus Companheiros [...]”); impõem-se multas aos membros por infração (E.a.10, assinado pelos membros; E.a.19, H.2).

Uma cópia (D.g.34), claramente especulativa, está escrita em algumas páginas inseridas num exemplar do *Freemason's Calendar* de 1781; além das *Old Charges*, encontramos aqui várias páginas copiadas das *Illustrations of Masonry* de Preston (segunda edição, 1775; páginas 50-56, 132-136).²⁷

Há por vezes breves indícios de ritual ou de procedimento, além do que já conhecemos. O Dumfries Manuscript nº 4 (H.1), de cerca de 1710, tem toda uma série de perguntas e respostas, do tipo que sabemos ter sido usado nas primeiras lojas (“Onde está a chave de vossa loja? Numa caixa de osso [...]”). O Carmick Manuscript (H.7), de 1727, tem um desenho da loja — precursor do Quadro de Loja. Quatro textos do ramo Harris trazem as seguintes instruções: “Então escolha a pessoa que há de ser feita maçom, dentre os da loja, um maçom qualquer que a instrua naqueles segredos que jamais devem ser confiados à escrita; a qual maçom deve chamar seu tutor. Então leve-o o tutor a outro aposento e mostre-lhe todo o mistério inteiro, para que ao regressar possa exercitar-se com os demais companheiros maçons.” Dois outros manuscritos, estreitamente

²⁶[Nota do tradutor] O hexâmetro mnemônico latino corrente na Idade Média é *Gram. loquitur, Dia. vera docet, Rhet. verba colorat, / Mus. canit, Ar. numerat, Geo. ponderat, Ast. colit astra*. McLeod traduz; conservo a tradução dele.

²⁷[Nota do tradutor] Trata-se do Harris Manuscript nº 2, sobre o qual McLeod publicaria um estudo dedicado em *AQC* 106 (1993), pp. 197-209.

aparentados, têm algo semelhante. Isto deve ser ao menos tão antigo quanto 1650. E seis desse mesmo grupo trazem um juramento de sigilo, de novo remontando ao menos a 1650.

Há ocasionais notas pessoais que nos fazem sentir que conhecemos melhor esses irmãos desconhecidos. Um escritor, de 1693, acrescentou uma subscrição explicando por que copiou o texto: “Estas para meu primo John Kipling, com meu afetuoso amor a ele apresentadas” (E.c.8). Ou ainda: “Vosso Mestre, George Webster, 1722, tendo 27 anos de idade, aos 25 de março” (F.5).

Retrospecto e prospecto

Neste trabalho procurei fazer várias coisas: (1) apresentar-vos as *Old Charges*; (2) explicar como podemos estabelecer as relações das várias cópias; (3) recuperar um texto mais antigo que qualquer cópia sobrevivente; (4) argumentar que isso vale a pena.

Incidentalmente, espero que tenhais aprendido um pouco mais sobre os homens que escreveram nossos manuscritos. Vimos a tensão constante entre fidelidade e utilidade. Alguns escribas consideravam os textos que copiavam quase como relíquias sagradas; transcreviam o que tinham diante de si com toda a exatidão que podiam reunir, mesmo quando havia lacunas no texto, ou quando ele não fazia sentido. Outros tratavam as *Old Charges* como documentos de trabalho, que precisavam ser inteligíveis; modernizavam a linguagem, preenchiam as lacunas, corrigiam os erros. Mas a maior parte de suas alterações eram mudanças casuais de superfície, e tiveram pouco efeito fundamental sobre o conteúdo.

Que resta agora por fazer? Pois bem: podemos tentar melhorar o texto da Versão “Standard Original”. Podemos continuar a estudar o texto em detalhe e ver o que ele nos diz sobre o Ofício na primeira metade do século XVI — um período do qual esta espécie de evidência tem até aqui faltado. Podemos expor a evidência das afinidades das várias famílias das *Old Charges*; então será fácil descrever as peculiaridades de cada novo descendente e estabelecer suas relações. E podemos passar a traçar os caminhos pelos quais este texto se difundiu pela Inglaterra e mesmo até a Escócia.

Conclusão

Há ainda outra classe de dividendo que deixei de mencionar em seu lugar próprio, e talvez seja nota apropriada para encerrar. De tempos em tempos os manuscritos incluem poemas ou canções sobre o Ofício. Alguns não são muito bons (“Vinde todos vós, maçons, ouvi o que vou dizer [...]”, D.c.37; “Mestres bondosos, mostrai-vos verdadeiros de espírito [...]”, D.h.24; “Mestre Hiram, de perto do mar [...]”, D.sundry.54; “À nossa Loja convidamos Lorde, Cavalheiros e Cavaleiros [...]”, E.a.23; “De todo o mundo, uma parte se infere [...]”, H.7). Um ou dois são bastante divertidos (“A Profecia do Irmão Roger Bacon”, D.e.13; “Um *caput mortuum* aqui vedes [...]”, H.1). Um de meus prediletos é um trecho de verso escrito pouco depois de 1600, e copiado no início de três versões das *Old Charges* (D.c.3, 27, 37). É um acróstico; isto é: se tomardes a primeira letra de cada linha, em ordem, elas soletram uma palavra — M A S O N R I E.²⁸

²⁸[Nota do tradutor] O acróstico soletra *MASONRIE*, grafia de época de *Masonry*. McLeod chama a figura de *anagram*; tecnicamente é um acróstico (a palavra se forma pelas iniciais das linhas, não por rearranjo das letras de outra palavra) — mantenho aqui a designação correta,

Original (c. 1600)	Tradução
M uch might be said of the noble art,	Muito se poderia dizer da nobre arte,
A craft that's worth esteeming in each part.	ofício digno de estima em cada parte.
S undry nations' nobles, and their kings also —	Nobres de várias nações, e também seus reis —
O h, how they sought its worth to know!	oh, como buscaram conhecer-lhe o valor!
N imrod, and Solomon the wisest of all men,	Ninrode, e Salomão, o mais sábio de todos os homens,
R eason saw to love this science then.	razão viram para amar então esta ciência.
I ll say no more, lest by my shallow verses I,	Não direi mais, para que eu, por meus versos rasos,
E ndeavouring to praise, should blemish Masonrie.	empenhado em louvar, não venha a manchar a Maçonaria.

Apêndice 1 — Reconstrução tentativa da Versão “Standard Original” das Old Charges, em grafia moderna

O propósito de reconstituir um texto perdido. Mais de três quartos das cópias conhecidas das “Old Charges of Masons” descendem de um texto escrito na primeira metade do século XVI. Esse texto, convencionalmente conhecido como Versão “Standard Original”, era uma forma editada e revista de uma versão mais antiga, corrente entre os maçons na Idade Média. O “Standard Original” não sobrevive, mas pode ser reconstruído trabalhando-se de trás para diante a partir de seus muitos descendentes. Uma vez recuperado, o texto será de interesse por pelo menos duas razões. (1) Será anterior a qualquer das cópias dele derivadas. (2) Estará livre dos erros e acréscimos de copista que se infiltraram nas cópias posteriores.

O método. Quem afirma dar-vos um texto perdido pode parecer, à primeira vista, ou um mágico ou um charlatão. A primeira vista é enganosa. O texto é reconstruído de acordo com os mesmos princípios científicos empregados para editar qualquer obra que sobreviva em certo número de cópias manuscritas. A técnica é regularmente seguida na constituição dos textos dos clássicos gregos e latinos.

O estágio inicial do projeto é estabelecer as afinidades das várias cópias. Podemos então levantar uma árvore genealógica, ou *stemma*. Ao que parece, apenas duas cópias foram feitas da Versão “Standard Original”. Uma foi o ancestral das famílias D e G; a outra deu origem às famílias T, E e F. Podemos reconstruir esses dois textos e compará-los. Onde as lições coincidem, elas nos darão em geral a lição do “Standard Original”. Por exemplo, em 4.1, os ancestrais das famílias T, E e D tinham todos “These be the seven liberal sciences”, e isto deve ter sido herdado do genitor comum. (Aqui as duas famílias mais jovens, F e G, têm ambas “Note, I pray you, that these seven [...]”, e não são relevantes para nossos propósitos.)

Onde os descendentes discordam, por vezes podemos compará-los com um progenitor anterior, a Versão Medieval, que pode ser reconstruída a partir dos membros da família Plot e do Cooke Manuscript. Se esse texto mais antigo coincide com um dos dois textos posteriores, podemos estar razoavelmente seguros de que a lição compartilhada é a que estava no “Standard

sem alterar o procedimento que ele descreve. É intraduzível sem sacrificar ou o acróstico ou o sentido. Por isso o corpo do texto traz, lado a lado, o original inglês — com as iniciais dos oito versos destacadas em negrito, de modo que o leitor veja o artifício funcionando — e a tradução em verso livre, que privilegia o sentido. A tradução é o guia de leitura; o original foi mantido apenas para fins comparativos.

Original”. Por exemplo, no capítulo 7.5, Ninrode instruiu seus maçons “que servissem seu senhor com verdade por sua paga”, e em seguida se dá a razão. O ancestral das famílias D e G diz “para que ele [isto é, o senhor] tivesse honra e tudo o que lhe pertence”. O ancestral das famílias T, E e F tinha “para que ele [isto é, Ninrode] tivesse honra por havê-los enviado a ele”. Evidentemente várias palavras do texto haviam sido obliteradas; o escriba só conseguia ler “para que ele tivesse honra [...] ndo a ele”, e teve de preencher a lacuna por sua conta. Mas qual é a lição anterior, *belong* ou *sending*? A família Plot (C) tem “Para que eu tenha honra e agradecimento por vos haver enviado [...]”, e o Cooke Manuscript (B.1) tem quase a mesma coisa nas linhas 403-406. Concluimos que TEF preservam a lição verdadeira.

De novo, em 20.1, as famílias D e G leem “These be the charges in general that belongeth to every true Mason to keep”, ao passo que as famílias T e E leem “[...] that every Mason should hold”. (A família F omite a cláusula.) A família C tem “[...] that every Mason should hold”, e esta deve ser a lição original.

Em passagens nas quais o Texto Medieval é inteiramente diferente do “Standard Original”, somos forçados a escolher uma das duas lições posteriores por fundamentos que podem ser mais ou menos subjetivos. Por exemplo, no Capítulo 1, Deus é invocado a “governar-nos em nossa vida” (T, E; F adaptou isto para “governar nossas vidas”), ou a “governar-nos aqui em nossa vida” (D, G). Escolhi a última, porque estabelece contraste mais agudo entre a estada transitória do homem na Terra e a bem-aventurança eterna do outro mundo. De novo, em 13.1, os construtores que difundiram a Maçonaria são chamados *glorious craftsmen* (T, E; *and these craftsmen* em F), ou *curious craftsmen* (D, G). Prefiro a última, porque o epíteto *curious* (no sentido de cuidadoso) é mais apropriado.²⁹

Muito ocasionalmente nenhum dos dois ramos está correto, e podemos ter de recorrer à Emenda Conjectural. Por exemplo, em 16.3, o Príncipe Edwin decreta que o livro deve ser lido quando um novo maçom é feito. As famílias D e G continuam: *and for to give him his charge*. A família T tem ou *and to give him his charge*, ou *for to give him his charge*. A família E tem *and to give him his charge*. A família F tem uma paráfrase, *that he might fully understand what articles, rules, and orders he was obliged to observe*, que claramente não é original. A versão original era *and so to give him his charge*; o *so* (com s longo) foi lido erradamente como *fô*, e corrigido para *for*, e então alguns escribas, em vez de escrever ambos, *and e for*, escolheram entre eles.³⁰

De novo, em 20.6 dizem-nos que aquele que há de ser feito maçom deve *be able in all manner of degrees* (D, G), ou *be able over all sciences* [ou *syers*] (E), ou *be a man* [ou *anena*] *on* [ou *within*] *all sides* (C; as famílias T e F omitem a cláusula). O texto original era *be able on all sides*.

Há um lugar em que o texto está demonstravelmente errado. Em 5.13, uma das duas colunas antediluvianas de pedra era feita de *laterus*. Isto deve ter sido leitura errada de *lateres*, a palavra latina para tijolo cozido. Mas “tijolo cozido” não faz sentido aqui; não é espécie de pedra, e não flutua. Por isso conservei a palavra sem sentido *laterus*, à qual o escriba evidentemente atribuiu algum significado próprio.

²⁹[Nota do tradutor] Traduzi *curious craftsmen* por “artífices hábeis” no texto reconstruído. A escolha de McLeod repousa sobre um sentido de época de *curious* — “cuidadoso, esmerado” — que se perde na tradução; por isso o argumento só se acompanha tendo o inglês diante dos olhos.

³⁰[Nota do tradutor] O *s* longo (f) da escrita antiga é quase idêntico ao *f*; a confusão entre *fô* e *fo* é um dos erros mais banais da paleografia inglesa moderna, e explica a variante.

O texto oferecido abaixo é mais próximo do original, e mais exato, que qualquer outro até aqui disponível; não será correto em cada detalhe. Estudos ulteriores oferecerão inevitavelmente refinamentos. (Do mesmo modo, sempre que se publica um novo texto de um autor clássico, o editor invariavelmente introduz certo número de melhorias.)

Nos textos clássicos é usual fornecer um *apparatus criticus*, ou lista das variantes significativas, que mostre as fontes do texto adotado pelo editor. Fazê-lo no presente caso acrescentaria consideravelmente ao custo de produção sem aumentar apreciavelmente a alegria dos leitores a quem se destina. Por isso o omitimos, com pesar. O editor busca consolo nas palavras de um de seus mestres:

Deveríamos esperar [...] uma elegância decorosa em nossas edições, e ressentir como ultraje abrir um exemplar [...] apenas para encontrar um horrível *apparatus criticus* à espreita no pé da página, como um esgoto aberto ao fim de uma alameda graciosa. [...] Faça o editor o melhor texto que possa, e apresente-o então em tranquila majestade [...] A crítica textual existe para nos dar um texto; feito isto, os subprodutos deveriam ser destruídos ou ocultados. (Gilbert Norwood, *Pindar* [Berkeley, 1945], 7.)

O texto dado abaixo foi arbitrariamente dividido em capítulos e seções. Os capítulos estão marcados por breves títulos e algarismos à margem. As seções distinguem-se por algarismos elevados no corpo do texto. Esses indicadores não estavam presentes no original, mas foram inseridos para facilitar a referência.

Numa versão reconstituída a partir de muitos textos, qualquer dos quais pode ser idiossincrático e inconsistente em sua grafia e pontuação, haveria claramente pouca utilidade em tentar reproduzir a forma exata do original. Consequentemente, seguimos, com poucas exceções, a grafia e a pontuação modernas.

O stemma. Em vez de tentar mostrar a relação de todos os 113 textos — na verdade, alguns detalhes ainda não estão claros —, contentar-nos-emos com um *stemma* que mostre como as diferentes famílias se conectam.³¹

Reconstrução tentativa da Versão “Standard Original” das *Old Charges*, em grafia moderna

[Capítulo Um. Invocação]

¹ O poder do Pai do Céu, com a sabedoria do glorioso Filho, mediante a graça e a bondade do Espírito Santo, que são três pessoas em uma só Divindade, seja conosco em nosso princípio, e dê-nos graça para de tal modo governar-nos aqui em nossa vida que possamos chegar à Sua Bem-aventurança que jamais terá fim. Amém.

[Capítulo Dois. Propósito e conteúdo]

¹ Bons irmãos e Companheiros, nosso propósito é dizer-vos como e de que maneira este digno Ofício da Maçonaria foi começado, e depois como foi fundado por dignos reis e príncipes, e por muitos outros homens honrados; ² e também, aos que aqui estão, declararemos a obrigação que

³¹[Nota do tradutor] O diagrama foi restituído graficamente na Figura 1, adiante, com os nós, as datas e as fontes do topo tais como nomeados no original; a autoria da reconstrução e a referência do impresso constam da legenda da figura.

a todo verdadeiro maçom cumpre guardar. ³ Pois, em boa fé, se lhe derdes atenção, bem merece ser guardada, por ser digno ofício e ciência primorosa.

[Capítulo Três. As sete ciências liberais]

¹ Pois há sete ciências liberais, das quais ela é uma, e os nomes das sete ciências são estes. ² A primeira é a Gramática, que ensina o homem a falar com verdade e a escrever com verdade. ³ A segunda é a Retórica, que ensina o homem a falar formosamente e em termos sutis. ⁴ A terceira é a Dialética, que ensina o homem a discernir ou conhecer a verdade da falsidade. ⁵ A quarta é a Aritmética, que ensina o homem a contar e a computar toda sorte de números. ⁶ A quinta é a Geometria, que ensina ao homem medida e medição da terra e de todas as outras coisas, ciência da qual é a Maçonaria. ⁷ A sexta é a Música, que ensina ao homem o ofício do canto, e voz de língua, órgão, harpa e trombeta. ⁸ A sétima chama-se Astronomia, que ensina o homem a conhecer o curso do sol, da lua e das estrelas.

[Capítulo Quatro. A Geometria: a ciência fundamental]

¹ Estas são as sete ciências liberais, as quais sete são todas achadas por uma só ciência, a saber, a Geometria. ² E assim pode um homem provar que todas as ciências do mundo são achadas pela Geometria. ³ Pois ela ensina medida e medição, ponderação e peso, de toda sorte de coisas sobre a terra. ⁴ E não há homem que trabalhe em ofício algum que não trabalhe por alguma medida ou medição; nem homem que compre ou venda senão por medida ou peso, e tudo isto é Geometria. ⁵ E estes mercadores e artífices encontram todas as demais das sete ciências; e especialmente os lavradores, e os cultivadores de toda sorte de grão (tanto cereal quanto semente), os plantadores de vinha e os que assentam outros frutos. ⁶ Pois nem a Gramática nem a Retórica, nem a Astronomia nem nenhuma das outras ciências pode encontrar para um homem medição ou medida sem a Geometria. ⁷ Pelo que me parece que aquela ciência é a mais digna, que encontra todas as outras.

[Capítulo Cinco. As duas colunas]

¹ Como esta digna ciência foi primeiro começada, eu vo-lo direi. ² Antes do Dilúvio de Noé houve um homem que se chamava Lameque, como está escrito na Bíblia, no quarto capítulo do Gênesis. ³ E este Lameque teve duas mulheres, uma de nome Ada e a outra Sella. ⁴ De sua primeira mulher, Ada, gerou dois filhos, um de nome Jabel e o outro Jubal. ⁵ E da outra mulher, Sella, gerou um filho e uma filha. ⁶ E estes quatro filhos acharam o princípio de todos os ofícios do mundo. ⁷ E o filho mais velho, Jabel, achou o ofício da Geometria; e repartiu rebanhos de ovelhas e terras no campo, e lavrou primeiro uma casa de pedra e madeira, como se nota no capítulo acima dito. ⁸ E seu irmão Jubal achou o ofício da Música, canto de língua, harpa e órgão. ⁹ E o terceiro irmão, Tubalcaim, achou o ofício do ferreiro, do ouro, da prata, do cobre, do ferro e do aço. ¹⁰ E a irmã achou o ofício da tecelagem. ¹¹ E estes filhos souberam que Deus tomaria vingança do pecado, ou por fogo ou por água. ¹² Pelo que escreveram as ciências que haviam achado em duas colunas de pedra, para que fossem encontradas depois do Dilúvio de Noé. ¹³ E uma das pedras era mármore, que não arderia com o fogo; e a outra pedra chamava-se *laterus*, que não se afogaria na água.

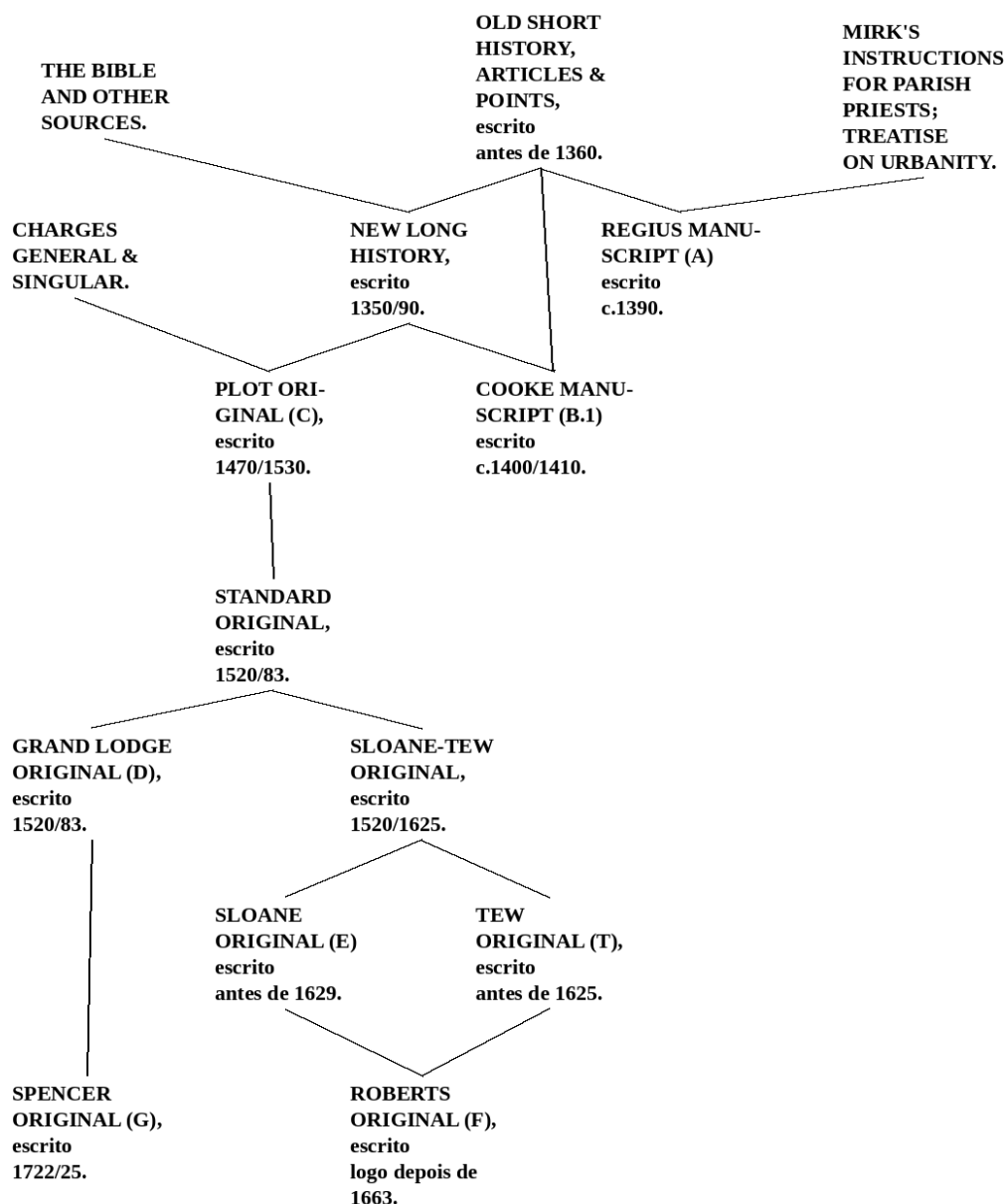


Figura 1 — Stemma das Old Charges, segundo Wallace McLeod. Reconstrução gráfica de Aislan Fabrício Nunes da Silva Pansardis (2026), executada com auxílio de inteligência artificial e fiel ao diagrama do impresso original: McLEOD, Wallace. "The Old Charges" [The Prestonian Lecture for 1986]. *Ars Quatuor Coronatorum*, Londres, vol. 99, 1986, p. 134.

[Capítulo Seis. Como as colunas foram achadas depois do Dilúvio]

¹ Nossa intenção é dizer-vos com verdade como e de que maneira foram achadas estas pedras em que estas ciências estavam escritas. ² O grande Hermarines, que era filho de Chus, o qual Chus era filho de Sem, que era filho de Noé (o mesmo Hermarines foi depois chamado Hermes, o pai dos sábios), achou uma das duas colunas de pedra, e achou as ciências nela escritas, e ensinou-as a outros homens.

[Capítulo Sete. Ninrode]

¹ E na feitura da Torre de Babilônia foi então a Maçonaria tida em grande conta. ² E o Rei de Babilônia, de nome Ninrode, era ele próprio maçom e amava bem o Ofício, como se diz com o

Mestre das Histórias.^{32 3} E quando se houveram de fazer a cidade de Nínive e outras cidades do Oriente, Ninrode, o Rei de Babilônia, enviou para lá sessenta maçons, a rogo do Rei de Nínive, seu primo.⁴ E quando os enviou, deu-lhes uma obrigação desta maneira:⁵ que fossem verdadeiros cada um para com o outro; e que se amassem verdadeiramente uns aos outros; e que servissem seu senhor com verdade por sua paga, para que ele tivesse honra por havê-los enviado a ele.⁶ E outras obrigações mais lhes deu; e foi esta a primeira vez que jamais maçom algum teve obrigação alguma de seu Ofício.

[Capítulo Oito. Euclides]

¹ Ademais, quando Abraão e Sara, sua mulher, foram ao Egito, ali ensinou ele as sete ciências aos egípcios;² e teve um digno discípulo de nome Euclides, o qual aprendeu muito bem, e foi mestre de todas as sete ciências.³ E em seus dias aconteceu que os senhores e os estados do reino tinham tantos filhos gerados, uns por suas esposas e outros por outras damas do reino, pois aquela é terra quente e abundante em geração, que não tinham meios competentes para sustentar seus filhos, pelo que muito se afligiam.⁴ E então o Rei da terra fez grande conselho e parlamento, para saber como poderiam sustentar seus filhos, e não puderam achar bom caminho.⁵ E então fizeram proclamar por todo o reino que, se houvesse algum homem que os pudesse informar, viesse a eles, e seria bem recompensado por seu esforço, de modo que se desse por bem satisfeito.

[Capítulo Nove. Euclides ensina a Geometria no Egito]

¹ Feita esta proclamação, veio então este digno erudito Euclides, e disse ao Rei e a todos os seus grandes senhores: “Se quiserdes, entregai-me vossos filhos para que eu os governe e lhes ensine as sete ciências, com as quais possam viver honestamente como convém a gentis-homens;² sob a condição de que me concedais uma comissão, para que eu tenha poder de regê-los como a ciência deve ser regida.”³ O que o Rei e seu conselho lhe concederam de pronto, e selaram a comissão.⁴ E então este digno doutor tomou consigo os filhos daqueles senhores, e ensinou-lhes a ciência da Geometria na prática, para trabalhar em pedra toda sorte de obras dignas que pertencem à construção de templos e igrejas, castelos, solares, torres e toda outra sorte de edifícios.

[Capítulo Dez. A obrigação de Euclides]

¹ E deu-lhes uma obrigação desta maneira.² A primeira era que fossem verdadeiros para com o Rei e para com o senhor a quem servissem.³ E que se amassem bem uns aos outros, e fossem verdadeiros cada um para com o outro.⁴ E que se chamassem uns aos outros seu Companheiro, ou então seu Irmão, e não servo nem seu criado, nem nenhum outro nome torpe.⁵ E que servissem com verdade, por sua paga, ao senhor ou ao Mestre a quem servissem.⁶ E que ordenassem o mais sábio dentre eles para ser Mestre da Obra, e que nem por amor, nem por grande linhagem, nem por riquezas, nem por favor pusessem outro, que tivesse pouca perícia, para ser Mestre da obra do senhor, donde o senhor seria mal servido e eles envergonhados.⁷ E também que chamassem “Mestre” o governador da obra durante o tempo em que com ele trabalhassem.⁸ E muitas outras obrigações mais, que seriam longas de contar.⁹ E a todas estas obrigações fê-los jurar o grande juramento que os homens usavam naquele tempo. E ordenou-lhes paga razoável, para que pudessem viver honestamente dela.¹⁰ E também que viessem e se

³²[Nota do tradutor] O *Magister Historiarum* é Pedro Comestor († c. 1178), autor da *Historia Scholastica*, paráfrase da história bíblica que foi manual universitário durante toda a Baixa Idade Média. A alcunha “Mestre das Histórias” era corrente; a menção mostra que o autor da história lendária trabalhava com fontes escolares reais.

reunissem em assembleia uma vez cada ano, para ver como melhor pudessem trabalhar em serviço de seu senhor, para proveito dele e honra deles. E para corrigir entre si, se houvessem transgredido.

¹¹ E assim foi ali fundado o Ofício. E aquele digno erudito deu-lhe o nome de Geometria; e agora chama-se, nesta terra, Maçonaria.

[Capítulo Onze. Davi]

¹ Em seguida, muito tempo depois, quando os filhos de Israel houveram chegado à Terra da Promessa, que se chama hoje entre nós o País de Jerusalém, o Rei Davi começou o templo que se chama *Templum Domini*, e que se nomeia entre nós o Templo de Jerusalém. ² E o mesmo Rei Davi amava bem os maçons, e acarinhava-os muito, e dava-lhes boa paga. ³ E deu-lhes as obrigações e as maneiras tais como as tivera do Egito, dadas por Euclides, e outras obrigações mais que ouvireis adiante.

[Capítulo Doze. Salomão]

¹ E depois do falecimento do Rei Davi, Salomão, que era filho de Davi, levou a cabo o templo que seu pai começara. ² E mandou buscar maçons de diversas terras, e reuniu-os, de modo que teve oitenta mil trabalhadores em pedra, e todos eram chamados maçons. ³ E teve três mil deles que foram ordenados para ser Mestres e Governadores de sua Obra. ⁴ E havia um Rei de outra região a quem os homens chamavam Hiram, e ele amava bem o Rei Salomão, e deu-lhe madeira para sua obra. ⁵ E ele teve um filho de nome Aynon, e este era mestre de Geometria, ⁶ e era Mestre principal de todos os seus maçons, e mestre de toda a sua gravação e talha, e de toda outra sorte de Maçonaria que pertencia ao templo. ⁷ E disto dá testemunho a Bíblia, no *Libro Regum tertio, capitulo quinto*.³³ E este mesmo Salomão confirmou tanto as obrigações quanto as maneiras que seu pai dera aos maçons. ⁸ E assim foi confirmado aquele digno Ofício da Maçonaria no país de Jerusalém e em muitos outros reinos.

[Capítulo Treze. Carlos, da França]

¹ Artífices hábeis andaram muito longe por diversos países, uns para aprender mais do ofício, outros para ensinar seu ofício. ² E assim aconteceu que houve um maçom hábil, de nome Naymus Grecus, que estivera na feitura do templo de Salomão. ³ E veio à França, e ali ensinou a ciência da Maçonaria aos homens da França. ⁴ E havia um da linhagem real da França de nome Carlos Martel. ⁵ E era homem que amava bem tal ofício, e chegou-se a este Naymus Grecus acima dito, e aprendeu dele o Ofício, e tomou sobre si as obrigações e as maneiras. ⁶ E depois, pela graça de Deus, foi eleito Rei da França. ⁷ E quando estava em seu estado tomou muitos maçons, e ajudou a fazer maçons homens que o não eram, e pô-los a trabalhar, e deu-lhes tanto obrigações quanto maneiras, e boa paga, como aprendera de outros maçons; ⁸ e confirmou-lhes uma carta, de ano em ano, para terem sua assembleia, e acarinhou-os muito. E assim veio o Ofício à França.

[Capítulo Catorze. Santo Albano]

¹ A Inglaterra, por toda esta estação, esteve vazia de qualquer obrigação de Maçonaria, até o tempo de Santo Albano. ² E em seus dias o Rei da Inglaterra, que era pagão, mandou murar em redor a vila que agora se chama Saint Albans. ³ E Santo Albano era digno cavaleiro, e era

³³[Nota do tradutor] “No terceiro Livro dos Reis, capítulo quinto” — na numeração da Vulgata, correspondente a 1 Reis 5 nas Bíblias modernas. A transcrição de que disponho traz *capitulo*, evidente erro por *capitulo*. Note-se que o passo bíblico não nomeia nenhum “Aynon”: o nome é da tradição do Ofício, não da Escritura — ponto que McLeod discute na seção “Por que se dar ao trabalho?”.

mordomo-mor junto ao rei, e tinha o governo do reino, e também o da feitura das muralhas da vila; ⁴ e amava bem os maçons e acarinhava-os muito. E fez-lhes a paga muito boa, conforme o reino então estava; ⁵ pois deu-lhes dois xelins e seis pence por semana, e três pence para suas merendas. ⁶ E antes daquele tempo, por toda a terra, um maçom recebia apenas um pêni por dia e a comida, até que Santo Albano o emendou. ⁷ E deu-lhes uma carta do rei e de seu conselho para terem conselho geral, e deu-lhe o nome de assembleia; ⁸ e nela esteve ele próprio, e ajudou a fazer maçons, e deu-lhes obrigações, como ouvireis adiante.

[Capítulo Quinze. Athelstan e Edwin]

¹ Logo depois do falecimento de Santo Albano vieram grandes guerras à Inglaterra, de diversas nações, de modo que a boa regra da Maçonaria foi destruída até o tempo do Rei Athelstan, que foi digno Rei na Inglaterra, e trouxe a terra a bom repouso e paz, e edificou muitas grandes obras de abadias e castelos e diversos outros edifícios. ² E amava bem os maçons, e teve um filho de nome Edwin, e este amava os maçons muito mais que seu pai. ³ E era grande praticante em Geometria, pelo que muito se chegava a conversar e a falar com os maçons, e a aprender deles o Ofício. ⁴ E depois, pelo amor que tinha aos maçons e ao Ofício, foi feito maçom. ⁵ E obteve do Rei, seu pai, uma carta e uma comissão para ter assembleia uma vez cada ano, onde quisessem dentro do reino, e para corrigirem entre si as faltas e transgressões cometidas dentro do Ofício. ⁶ E ele próprio teve uma assembleia em York; e ali fez maçons, e deu-lhes obrigações, e ensinou-lhes as maneiras, e mandou que aquela regra fosse guardada para sempre, e deu-lhes a carta e a comissão para guardarem, e fez ordenança de que fosse renovada de Rei em Rei.

[Capítulo Dezesseis. A assembleia de York]

¹ E quando esta assembleia se houve reunido, fez ele proclamação de que todos os maçons, velhos e moços, que tivessem qualquer escrito ou entendimento das obrigações feitas antes nesta terra ou em qualquer outra, os trouxessem à luz. ² E quando foi examinado, acharam-se uns em francês, uns em grego, uns em inglês e uns em outras línguas, e a intenção de todos se achou ser uma só. ³ E fez disso um livro, de como o Ofício foi fundado; e mandou que fosse lido ou recitado quando algum maçom houvesse de ser feito, e que assim se lhe desse sua obrigação. ⁴ E daquele dia até este tempo a Maçonaria foi guardada nessa forma, tão bem quanto os homens a puderam governar. ⁵ E, ademais, em diversas assembleias foram postas e ordenadas certas obrigações mais, pelo melhor parecer de Mestres e Companheiros.

[Capítulo Dezessete. A maneira de tomar o juramento]

¹ *Tunc unus ex senioribus teneat librum, ut ille vel illi ponant manus super librum, et tunc praecepta debent legi.*³⁴

[Capítulo Dezoito. A admoestação antes da obrigação]

¹ Todo homem que seja maçom preste bem atenção a estas obrigações; ² se vos achardes culpados em alguma delas, que possais emendar-vos diante de Deus. ³ E especialmente vós, que haveis de ser obrigados, prestai bem atenção para que possais guardar estas obrigações, ⁴ pois é grande perigo para um homem perjurar-se sobre um Livro.

³⁴[Nota do tradutor] “Então segure um dos anciãos o Livro, de modo que ele ou eles ponham as mãos sobre o Livro, e então devem ser lidas as regras.” A rubrica vem em latim nos manuscritos; McLeod dá sua tradução literal no corpo da conferência, na seção “As Old Charges: conteúdo”. Conservo o latim aqui, como no original, por ser fórmula ritual.

[Capítulo Dezenove. As obrigações gerais]

- ¹ A primeira obrigação é que sejais homens verdadeiros para com Deus e a Santa Igreja; e que não useis erro nem heresia, por vosso entendimento ou por ensino de homens discretos ou sábios.
- ² E também que sejais súditos leais ao Rei, sem traição nem falsidade; e que não conheçais traição nem traiçoeira, mas que a emendeis se puderdes, ou então avisai disso o Rei ou seu conselho.
- ³ E também que sejais verdadeiros cada um para com o outro; isto é: a todo Mestre e Companheiro do Ofício da Maçonaria que sejam maçons admitidos, fareis a eles como quereis que eles vos fizessem.
- ⁴ E também que todo maçom guarde fielmente o conselho da loja e o da câmara, e todo outro conselho que deva ser guardado por via da Maçonaria.
- ⁵ E também que nenhum maçom seja ladrão nem companheiro de ladrão, tanto quanto o possa saber.
- ⁶ E também que sejais verdadeiros para com o senhor e o mestre a quem servis, e cuideis com verdade de seu proveito e vantagem.
- ⁷ E também chamareis os maçons vossos Companheiros ou Irmãos, e nenhum outro nome torpe; nem tomareis a mulher de vosso Companheiro em vilania, nem desejareis impiamente sua filha nem sua serva.
- ⁸ E também que pagueis com verdade vossa comida e bebida onde fordes hospedar-vos.
- ⁹ E também que não façais vilania alguma naquela casa, donde o Ofício possa ser difamado.

[Capítulo Vinte. As obrigações singulares]

- ¹ Estas são as obrigações gerais que todo maçom deve guardar, tanto Mestres quanto Companheiros. Rememorarei agora outras obrigações singulares para Mestres e Companheiros.
- ² Primeiro: que nenhum Mestre tome sobre si obra alguma de senhor, nem obra de nenhum outro homem, senão sabendo-se capaz e perito para executá-la, de modo que o Ofício não sofra difamação nem desonra, mas que o senhor seja bem e verdadeiramente servido.
- ³ E também que nenhum Mestre tome obra alguma senão tomando-a razoavelmente, de modo que o senhor seja bem e verdadeiramente servido com seus próprios bens, e o Mestre viva honestamente e pague a seus companheiros com verdade a paga deles, como pede a maneira do Ofício.
- ⁴ E também que nenhum Mestre nem Companheiro suplante outro em sua obra; isto é: se este houver tomado uma obra, ou estiver como Mestre da obra de um senhor, não o poderá pôr fora, exceto se ele for incapaz, por falta de perícia, de acabar a obra.
- ⁵ E também que nenhum Mestre ou Companheiro tome aprendiz algum, para ser admitido como seu aprendiz, senão por sete anos; e que o aprendiz seja capaz de nascimento e de membros, como deve ser.
- ⁶ E também que nenhum Mestre nem Companheiro consinta que alguém seja feito maçom sem o consentimento de seus Companheiros, ao menos cinco ou seis; e que aquele que houver de ser feito maçom seja capaz por todos os lados, isto é: que seja nascido livre e de boa parentela, e não servo, e que tenha seus membros direitos, como um homem deve ter.

- ⁷ E também que nenhum Mestre nem Companheiro tome por empreitada obra de senhor que costumava ir por jornada.
- ⁸ E também que todo Mestre dê a seu Companheiro apenas a paga que este possa merecer, de modo que não seja enganado por trabalhadores falsos.
- ⁹ E também que nenhum Companheiro calunie outro pelas costas, para fazê-lo perder seu bom nome ou seus bens mundanos.
- ¹⁰ E também que nenhum Companheiro, dentro da loja ou fora dela, responda mal a outro, impiamente e sem causa razoável.
- ¹¹ Também que todo maçom reverencie seu ancião e o tenha em honra.
- ¹² E também que nenhum maçom jogue a azar ou a dados, nem outros jogos ilícitos, donde o Ofício possa ser difamado.
- ¹³ E também que nenhum maçom seja devasso em luxúria, para fazer difamar o Ofício.
- ¹⁴ E que nenhum Companheiro vá à cidade de noite, onde haja uma loja de Companheiros, sem um Companheiro consigo que possa testemunhar que esteve em lugares honestos.
- ¹⁵ E também que todo Mestre e Companheiro venha à assembleia, se ela estiver dentro de cinquenta milhas em redor dele, caso tenha algum aviso, para ali se submeter à sentença de Mestres e Companheiros.
- ¹⁶ E também que todo Mestre e Companheiro, se houverem transgredido, se submetam à sentença de Mestres e Companheiros, para os concertar se puderem; e se os não puderem concertar, que vão à lei comum.
- ¹⁷ E também que nenhum Mestre nem Companheiro faça molde nem esquadro nem régua para assentador algum.
- ¹⁸ E também que nenhum Mestre nem Companheiro ponha assentador algum, dentro da loja nem fora dela, a talhar pedras de molde com molde algum de sua própria feitura.
- ¹⁹ E também que todo maçom receba e acolha Companheiros estranhos quando venham de outra parte do país, e os ponha a trabalhar, como é a maneira; isto é: se houver pedras de molde no lugar, pô-lo-á a trabalhar ao menos por quinze dias, e dar-lhe-á sua paga; e se não tiver pedras para ele, refá-lo-á com dinheiro até a próxima loja.
- ²⁰ E também que todo maçom sirva com verdade ao senhor por sua paga; e dê fim com verdade a vosso trabalho, seja por empreitada seja por jornada, se puderdes ter vossa paga conforme deveis ter.³⁵

[Capítulo Vinte e Um. O juramento]

- ¹ Estas obrigações que rememoramos, e todas as outras que pertencem à Maçonaria, guardá-las-eis, assim vos ajude Deus e o que tendes por sagrado, e por este Livro, conforme vossas forças. Amém.

³⁵[Nota do tradutor] A oscilação entre terceira e segunda pessoa (“todo maçom sirva [...] dê fim a vosso trabalho [...] se puderdes ter vossa paga”) está no original de McLeod, que a herdou dos manuscritos. Conservo-a: é traço da composição por acumulação de camadas, não descuido do editor.

Apêndice 2 — Lista das Old Charges por família e ramo

Os textos são listados abaixo segundo sua classificação convencional, que em termos gerais está correta. Ela não foi revista desde 1947, quando o ramo Devonshire (D.e.) se formou pela união de dois ramos estreitamente aparentados. As versões descobertas desde aquela data foram inseridas na mesma família ou ramo de seus parentes mais próximos. Ainda assim, é claro que certos pequenos ajustes terão de ser feitos, particularmente dividindo-se os ramos Dowland e Dumfries (D.b, D.h), ambos os quais, tais como agora constituídos, incluem textos amplamente divergentes.

As datas são incluídas por conveniência. São as convencionais, exceto em uns poucos casos em que se descobriu evidência nova. Nesses casos, a correção foi lançada sem comentário.

A revisão de Poole da *Gould's History of Freemasonry*, no volume I (Londres, 1951), páginas 48-76, fornece breves descrições de todas as versões das *Old Charges* conhecidas até aquela data, juntamente com referências a fac-símiles e transcrições publicados.³⁶

A. REGIUS POEM — c. 1390

B. FAMÍLIA COOKE

B.1. Cooke MS, c. 1400-1410 · B.2. Woodford MS, 1728 · B.3. Supreme Council MS, 1728

C. FAMÍLIA PLOT

C.1. Plot Abstract, 1686 · C.2. Watson MS, 1687 · C.3. Crane MS nº 2, c. 1780 · C.4. Heade MS, 1675 · C.5. Poole Abstract, 1665 · C.6. Halliwell MS nº 2, 1840

T. FAMÍLIA TEW

T.1. Tew MS, 1700/1750 · T.2. Aitchison's Haven MS, 1666 · T.3. Buchanan MS, c. 1670 · T.4. Beaumont MS, 1690 · T.5. Portland MS, 1700/1750 · T.6. Bolt-Coleraine MS, 1728 · T.7. Drinkwater MS nº 1, c. 1710 · T.8. Prichard Abstract, 1730 · T.9. Hadfeild MS, c. 1625

D. FAMÍLIA GRAND LODGE

(a) **Ramo Grand Lodge.** D.a.1. Grand Lodge MS nº 1, 1583 · D.a.4. Phillipps MS nº 1, c. 1670/1690 · D.a.5. Phillipps MS nº 2, c. 1670/1690 · D.a.8. Kilwinning MS, 1675/1678 · D.a.29. Cama MS, c. 1725 · D.a.39. Bain MS, 1670/1680 · D.a.43. Dring-Gale MS, c. 1710 · D.a.47. Talents MS, c. 1710

(b) **Ramo Dowland.** D.b.16. Clerke MS, 1686 · D.b.22. Hugan MS, 1700/1750 · D.b.30. Papworth MS, 1750/1800 · D.b.31. Phillipps MS nº 3, c. 1790 · D.b.32. Haddon MS, 1723 · D.b.36. Dowland Version, 1815 · D.b.40. Langdale MS, c. 1650/1675 · D.b.41. Levander-York

³⁶[Nota do tradutor] Conservo integralmente a lista nas formas inglesas: são siglas de catálogo internacional, e traduzi-las inutilizaria a referência. Os poucos erros tipográficos evidentes da transcrição de que disponho (por exemplo “MAO.” e “MA1.” no ramo Dowland, onde a série exige D.b.40 e D.b.41; “D.6.50” por D.b.50; “D.i.ll” por D.i.11; “Ex.” por E.c.; “EA.7” por E.d.7; “DA.2” por D.d.2; e “D.g.25 [...] 1650/11700” por 1650/1700) foram restituídos à forma que a própria série exige, e a restituição vai assinalada aqui, não em silêncio. Onde a restituição não é segura, não a fiz: ver a nota à sigla “W.11”, no corpo da conferência.

MS, c. 1740 · D.b.50. King George VI MS, 1727 · D.b.52. Chadwicke MS, 1600/1650 · D.b.53. Hathaway MS, 1700/1750

(c) *Ramo York.* D.c.3. York MS nº 1, c. 1600 · D.c.17. York MS nº 5, 1650/1700 · D.c.27. York MS nº 2, 1704 · D.c.37. Newcastle College MS, 1700/1750

(d) *Ramo Lansdowne.* D.d.2. Lansdowne MS, c. 1600 · D.d.15. Antiquity MS, 1686 · D.d.33. Probity MS, 1700/1750 · D.d.42. Foxcroft MS, 1699 · D.d.48. Fortitude MS, c. 1750

(e) *Ramo Devonshire.* D.e.13. Stanley MS, 1677 · D.e.14. Carson MS, 1677 · D.e.19. Colne MS nº 1, c. 1685 · D.e.20. Clapham MS, c. 1700 · D.e.28. Colne MS nº 2, c. 1730 · D.e.44. Boyden MS, c. 1700 · D.e.49. Huddleston MS, 1730 · D.e.51. Devonshire MS, c. 1640/1660

(g) *Ramo Harris.* D.g.25. Dumfries MS nº 3, 1650/1700 · D.g.26. Harris MS nº 1, 1650/1700 · D.g.34. Harris MS nº 2, 1750/1800 · D.g.45. Heaton MS, 1700/1750 · D.g.46. Brook-Hills MS, c. 1710 · D.g.56. Wakefield MS, c. 1710/1720

(h) *Ramo Dumfries.* D.h.18. York MS nº 6, 1700/1760 · D.h.21. Dumfries MS nº 1, 1650/1700 · D.h.24. Dumfries MS nº 2, 1650/1700 · D.h.55. Lawson MS, c. 1689/1702

(i) *Ramo Stirling.* D.i.9. Stirling MS, 1650/1700 · D.i.11. Aberdeen MS, 1670

(Versões avulsas.) D.sundry.6. Wood MS, 1610 · D.sundry.12. Melrose MS nº 2, 1674 · D.sundry.23. Dauntsey MS, c. 1690/1710 · D.sundry.35. Melrose MS nº 3, 1762 · D.sundry.54. Raymond MS, 1705

E. FAMÍLIA SLOANE

(a) *Ramo Thorp.* E.a.10. Alnwick MS, 1701 · E.a.16. Thorp MS, 1629 · E.a.17. Strachan MS, c. 1700 · E.a.19. Taylor MS, 1650/1700 · E.a.23. Woodcock MS, 1720/1740

(b) *Ramo Sloane.* E.b.1. Sloane MS 3848, 1646 · E.b.2. Sloane MS 3323, 1659 · E.b.3. Harleian MS 2054, 1650/1700 · E.b.4. Lechmere MS, 1650/1700 · E.b.14. Tunnah MS, c. 1860 · E.b.15. Briscoe Pamphlet, 1724 · E.b.21. Beswicke-Royds MS, 1650/1700

(c) *Ramo Hope.* E.c.5. Hope MS, 1650/1700 · E.c.8. Wanstell MS, 1693 · E.c.9. York MS nº 4, 1693 · E.c.18. Ramsey MS, 1650/1700

(d) *Ramo Embleton.* E.d.7. Embleton MS, c. 1680 · E.d.12. Crane MS nº 1, 1781 · E.d.13. Wren MS, 1852 · E.d.22. Holywell MS, 1749

(Versão avulsa.) E.sundry.11. Scarborough MS, c. 1700

F. FAMÍLIA ROBERTS

F.1. Roberts Pamphlet, 1722 · F.2. Grand Lodge MS nº 2, c. 1650 · F.3. Harleian MS 1942, 1650/1700 · F.4. Rawlinson MS, 1700/1750 · F.5. Macnab MS, 1722 · F.6. Drinkwater MS nº 2, c. 1710

G. FAMÍLIA SPENCER

G.1. Spencer MS, 1726 · G.2. Jones MS, c. 1725 · G.3. Cole's Constitutions, 1729 · G.4. Dodd Pamphlet, 1739 · G.5. Songhurst MS, c. 1726 · G.6. Fisher MS, c. 1726

H. VERSÕES AVULSAS

H.1. Dumfries MS nº 4, c. 1710 · H.2. Gateshead Orders, c. 1730 · H.3. Thistle MS, 1756 · H.4. Langley Abstract, 1738 · H.5. Krause Version, 1810 · H.6. Hargrove Abstract, 1818 · H.7. Carmick MS, 1727 · H.8. Drake Fragment, 1727

X. MANUSCRITOS DESAPARECIDOS

X.1. Melrose MS nº 1 · X.2. Baker MS · X.3. Morgan MS · X.4. Dermott MS · X.5. Wilson MS · X.6. York MS nº 3 · X.7. Masons' Company MS · X.10. Newcastle Lodge MS · X.11. Lamb Smith MS · X.12. Anchor and Hope MS · X.13. Folkes MS · X.15. London Chronicle MS · X.16. Stone MS · X.17. Meehan MS³⁷

Referências selecionadas

AQC é a abreviatura de *Ars Quatuor Coronatorum: Transactions of Quatuor Coronati Lodge No 2076*.

A literatura sobre as *Old Charges* é imensa, mas veja-se (à parte as publicações de textos individuais):

William James Hughan, *The Old Charges of British Freemasons* (Londres, 1872);

Hughan, *The Old Charges of British Freemasons*, segunda edição (Londres, 1895; inteiramente diferente da primeira edição);

Wilhelm Begemann, "An Attempt to Classify the 'Old Charges' of the British Masons", *AQC* 1 (1886-1888) 152-161;

Begemann, *Vorgeschichte und Anfänge der Freimaurerei in England* 1 (Berlim, 1909) 106-309;

Herbert Poole, *The Old Charges* (Londres, 1924);

H. Poole e F. R. Worts, *The "Yorkshire" Old Charges of Masons* (York, 1935);

Poole, "The Descent of the Old Charges", *Miscellanea Latomorum* 26.1 (julho de 1941) 1-6; 26.2 (setembro de 1941) 17-22; 26.3 (outubro de 1941) 33-41;

a revisão de Poole da *Gould's History of Freemasonry* (Londres, 1951) 1.23-76;

Douglas Knoop e G. P. Jones, *A Handlist of Masonic Documents* (Manchester, 1942).

W. McLeod, "Saint Alban and Saint Amphibal in the Mediaeval Masonic Tradition: A Review Article", *AQC* 89 (1976) 113-122;

"The Old Charges and the Hathaway Manuscript: An Exercise in Methodology", *AQC* 90 (1977) 177-193;

³⁷[Nota do tradutor] A série X vai de X.1 a X.17, mas a lista de McLeod tem catorze itens: faltam X.8, X.9 e X.14. Os dois primeiros correspondem ao Henery Heade MS, reencontrado em 1908 e reclassificado como C.4 — razão pela qual saíram da lista de desaparecidos. Registre-se que Taillades identificou em 2023, num arquivo público de Londres, o texto aqui catalogado como perdido sob X.7, o Masons' Company MS.

“The Old Charges”, *Proceedings of The Heritage Lodge No 730*, Cambridge (Ontário), 1.2 (abril de 1978) 2-14, reimpresso em *Transactions of South Canterbury Lodge of Research No 436*, 9.5 (junho de 1978) 3-7;

“Our Predecessors — Scottish Masons of about 1660”, *AQC* 92 (1979) 215-216;

“A Lost Manuscript Reconstructed: The Ancestor of One Branch of the Old Charges”, *AQC* 94 (1981) 15-42;

“Apleo and Voo”, *AQC* 94 (1981) 234-235;

“The Old Charges (with an Appendix reconstituting the ‘Devonshire Branch Hyparchetype’): The Anson Jones Lecture for 1983”, *Transactions, Texas Lodge of Research*, 18 (1982-1983) 104-132;

“The Old Charges (with an Appendix reconstituting the ‘Thorp Branch Hyparchetype’), *Transactions, Ancient Landmarks Lodge No 3579*, Bloomington, Illinois, para 1983;

“Additions to the List of Old Charges”, *AQC* 96 (1983) 98-110;

“Batty Langley”, *The Philalethes* 38.2 (abril de 1985) 16-21;

The Old Gothic Constitutions (Bloomington, Illinois; Publications of the Masonic Book Club, volume dezesseis, 1985).³⁸

³⁸[Nota do tradutor] A transcrição de que disponho traz, nesta lista, três corrupções tipográficas evidentes que restitui: “Anfkng” e “Freiimaurerei” por *Anfänge* e *Freimaurerei*; “3341” por 33-41; “1542” por 15-42; e “Thcrp” por *Thorp*. O trabalho sobre Santo Albano é dado aqui como *AQC* 89 (1976); o índice oficial da *AQC* registra o volume 89 como sendo de 1976 e a paginação 113-122, o que confere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras citadas no estudo introdutório e nas notas do tradutor. As obras citadas por McLeod no corpo da conferência aparecem no lugar próprio, na forma em que ele as cita.

ANDERSON, James. *The Constitutions of the Free-Masons*. Londres, 1723. [“The Charges of a Free-Mason”, pp. 49–56.] — 2ª ed.: *The New Book of Constitutions*. Londres, 1738. [Rebatiza a seção como “The Old Charges of the Free and Accepted Masons”.]

BEGEMANN, Wilhelm. “An Attempt to Classify the ‘Old Charges’ of the British Masons”. *Ars Quatuor Coronatorum*, vol. 1, 1886–88, pp. 152–161.

HUGHAN, William James. *The Old Charges of British Freemasons*. Londres, 1872; 2ª ed. ampliada, 1895.

KNOOP, Douglas; JONES, G. P. *A Handlist of Masonic Documents*. Manchester: Manchester University Press, 1942.

KNOOP, Douglas; JONES, G. P. *The Genesis of Freemasonry*. Manchester: Manchester University Press, 1947.

KNOOP, Douglas; JONES, G. P.; HAMER, Douglas (eds.). *The Two Earliest Masonic MSS.: The Regius MS.; The Cooke MS.* Manchester: Manchester University Press, 1938.

MAAS, Paul. *Textual Criticism*. Trad. Barbara Flower. Oxford: Clarendon Press, 1958. [Citado por McLeod.]

MCLEOD, Wallace. “The Old Charges and the Hathaway Manuscript: An Exercise of Methodology”. *AQC*, vol. 90, 1977, pp. 177–193.

MCLEOD, Wallace. “A Lost Manuscript Reconstructed”. *AQC*, vol. 94, 1981, pp. 15–42.

MCLEOD, Wallace. “Additions to the List of the Old Charges”. *AQC*, vol. 96, 1983, pp. 98–110.

MCLEOD, Wallace (ed.). *The Old Gothic Constitutions: Facsimile Reprints of Four Early Printed Texts*. Bloomington (Illinois): Masonic Book Club, 1985.

MCLEOD, Wallace. “The Harris Manuscript No. 2”. *AQC*, vol. 106, 1993, pp. 197–209.

PLOT, Robert. *The Natural History of Staffordshire*. Oxford, 1686.

POOLE, Herbert. *The Old Charges*. Londres: The Masonic Record Ltd., 1924.

PRESCOTT, Andrew. “The Old Charges Revisited”. *Transactions of the Lodge of Research No. 2429 (Leicester)*, 2006.

PRESCOTT, Andrew. “The Old Charges”. In: BOGDAN, Henrik; SNOEK, J. A. M. (orgs.). *Handbook of Freemasonry*. Leiden: Brill, 2014, pp. 33–49.

TAILLADES, David. “A New Approach to the Old Charges”. *AQC*, vol. 133, 2020, pp. 178–211. — Parte II: “Beyond the Table”. *AQC*, vol. 136, 2023, pp. 203–214.

Fontes institucionais consultadas: Grande Loja Unida da Inglaterra, *Report of the Board of General Purposes*, junho de 2024; Quatuor Coronati Lodge nº 2076, *A Complete List of Papers Published in AQC, 1886–2024, Index to AQC, Volumes 1 to 127 e Prestonian Lecturers, 1924–2025*; e o catálogo digital do projeto The Old Charges Collection For Research.

CRITÉRIOS DESTA TRADUÇÃO

Texto-base

Esta edição foi estabelecida a partir de **dois testemunhos independentes**, ambos integrais para as partes que cobrem:

T¹ — a publicação original. *Ars Quatuor Coronatorum*, vol. 99 (1986), pp. 120–142. Consultada numa reprodução digital que preserva a paginação e os títulos correntes da AQC. Cobre a conferência inteira e o Apêndice 1, mas **não** traz o Apêndice 2: nessa reprodução, as três páginas do catálogo de manuscritos (pp. 140–142) existem apenas como imagens, e as imagens estão perdidas. Também não traz as Referências Seleccionadas.

T² — a reimpressão. *The Collected Prestonian Lectures 1975–1987, Volume Three* (Londres: Lewis Masonic, 1988), pp. 260–290, publicada com autorização do Board of General Purposes da Grande Loja Unida da Inglaterra. Íntegra, do título às Referências Seleccionadas, e única fonte, aqui, do catálogo do Apêndice 2.

Princípio

Tradução integral e fiel. Nada foi resumido, condensado ou reescrito. Períodos longos e subordinados permaneceram longos e subordinados; a ironia do autor — frequente, sobretudo diante da cronologia fantasiosa da história lendária — permaneceu ironia. Onde McLeod é ambíguo, escolhi no corpo a leitura mais provável e registrei a outra em nota. Onde McLeod erra, traduzi o erro e apontei em nota. Nenhuma informação do autor foi corrigida em silêncio.

Terminologia

Original	Solução	Justificativa
Old Charges	<i>Old Charges</i> , sem traduzir	Nome próprio de um corpus documental. “Antigos Deveres” e “Antigos Encargos” circulam em português designando coisas diferentes conforme o autor, e não servem para citar um manuscrito.
charge(s)	obrigação / preceito; ou o inglês, como rubrica	Rubricas técnicas (<i>Charges General</i> , <i>Charges Singular</i> , <i>Apprentice Charge</i>) ficam no original, traduzidas na primeira ocorrência.
the Craft	o Ofício	Cobre o ofício de pedreiro e a maçonaria simbólica, sem o anacronismo de “Arte Real”.
mason	pedreiro / maçom	“Pedreiro” quando o referente é o artífice operativo; “maçom” quando é o membro da fraternidade. Onde o inglês é deliberadamente indistinto — o que é frequente e significativo —, uso “maçom” e assinalo.
fellow	Companheiro	Grau do ofício, não “colega”.
lodge	loja	Nos documentos operativos, o barracão de obra tanto quanto a assembleia.

Original	Solução	Justificativa
cunning	perícia / hábil	Sentido de época: destreza técnica, não astúcia. Falso amigo perigoso.
worshipful	digno, honrado	Dignidade e reputação, não culto.
lord's work	obra do senhor	O “senhor” é o comitente da obra.

Títulos de manuscritos não se traduzem (*Regius Manuscript, Grand Lodge MS No. 1, Sloane MS 3848...*): são siglas de catálogo internacional. O mesmo vale para os nomes das famílias textuais. Aportuguesam-se os nomes com forma consagrada (Salomão, Euclides, Ninrode, Carlos Martel, Santo Albano); mantêm-se na forma original os de pessoas históricas modernas e os topônimos ingleses.

A Tentativa de reconstrução

Traduzida integralmente e destacada tipograficamente do restante, de modo que o leitor nunca confunda o texto reconstruído por McLeod com o comentário dele. Adota registro de época — português culto, arcaico, mas legível —, correspondente à decisão do autor de modernizar a grafia sem modernizar a sintaxe. As fórmulas latinas ficam no original, com tradução em nota. Conserva a divisão em capítulos e seções numeradas.

Notas

Um esclarecimento que precisa vir antes de tudo: **nesta edição não há nenhuma nota do autor**. Nenhum dos dois testemunhos traz aparato de rodapé — McLeod remete o leitor às “Referências Seleccionadas” ao fim da conferência, aqui traduzidas em seu lugar. Há em T¹, na p. 121, uma chamada de nota isolada (após “a notable Mason at the time of discovery”), cujo texto não sobreviveu em nenhuma das duas reproduções; assinalo-a onde ocorre. Portanto **todas as notas de rodapé deste volume são minhas**, e vão marcadas [Nota do tradutor]. Caso uma edição futura venha a recuperar essa nota do impresso da *AQC*, ela deverá vir marcada [Nota do autor], e a distinção entre as duas mãos ficará visível na página, como deve ser.

A nota do tradutor explica manuscritos, famílias, personagens, termos medievais e maçônicos, referências bíblicas e históricas, e escolhas tradutórias ambíguas — só onde McLeod não o faz. É também onde entram as atualizações posteriores a 1986, com a fonte. O critério foi restritivo: escrevi nota quando o leitor sem acesso ao inglês precisaria dela para acompanhar a passagem; nota que apenas repete o texto não foi escrita. Onde a prosa desliza do documentado para o provável, a nota assinala — a regra é que o leitor sempre saiba se está diante de documento, de inferência do autor ou de tradição do Ofício.